SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

JANEIRO / FEVEREIRO DE 1977

N.os 378 / 379

Avulso Esc. 10$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778

DEPOIS DA ENCRUZILHADA

«Sempre Pronto» entrou na agonia. Deveria terminar com o presente número a sua publicação regular. Era fatal o seu desaparecimento. Parece, porém, que muitos dos nossos estimados leitores não acreditavam na inevitabilidade desta decisão, enquanto outros se recusavam sequer a admitir a ideia de que este mensário teria de desaparecer. E argumentavam exactamente com os trinta e dois anos de publicação, que se comemoram no primeiro dia do ano de 1977. Contudo, era exactamente a «idade» de «Sempre Pronto» que justificava a sua suspensão. É que este jornal tem tido a sua vida assegurada sempre pelos mesmos dirigentes e os anos cansam. Se não houver renovação de quadros, chegará o momento em que o jornal tem de acabar. Esta circunstância era ainda agravada pelo constante aumento das despesas. Uma vez mais a Gráfica aumentou o preço do jornal.

A situação era portanto irremediável. Muitos amigos nos escreveram ou pessoalmente manifestaram o seu inconformismo com a resolução tomada, mas tais manifestações de simpatia, apesar de agradáveis, não resolviam o problema. Principalmente a Administração do jornal precisava de quem pudesse assumir a sua responsabilidade. Entre os mais inconformistas, destacou-se José Eduardo Pena Ribeiro, que cresceu no convívio deste jornal e recusou aceitar o seu desaparecimento. Na hora da última e derradeira decisão, foi ele quem proferiu a palavra capaz de solucionar o problema: — Responsabilizo-me pela Administração, serei eu o Administrador.

Com esta declaração, estavam modificados os dados do problema, já que a maior dificuldade estava vencida. Pena Ribeiro, porém, foi ainda mais longe. Como Director Executivo Nacional da Aliança Nacional das ACMs, acrescentou: — A ACM está empenhada numa larga obra de apoio e educação da juventude e

Continua na pág. 19

E que dizeis vós?

Por JOEL RIBEIRO

Segundo Voltaire, é mais pertinente julgar um homem pelas suas perguntas que pelas suas respostas. É de crer que o célebre escritor, ao exprimir tal pensamento, estivesse a levar em conta o facto de que, quando fazemos uma pergunta, demonstramos uma preferência ou nos pronunciamos por algo que temos interesse em conhecer ou com que pretendemos enriquecer a experiência. Por isso, a nossa inquirição denuncia-nos, revela um pouco de nós próprios, dos nossos interesses, daquilo que nos move e inspira, de qualquer coisa que pretendemos alcançar.

Todavia, em contraposição, não é menos verdade que, ao darmos uma resposta, estamos também, de certo modo, a fornecer dados de apreciação sobre a nossa personalidade, manifestamos a nossa formação, os nossos pensamentos ou objectivos, ou a nossa concepção sobre determinado problema. Em resumo: quando dizemos o que outrem é ou o que entendemos por tal facto, estamos dalguma forma revelando, outrossim, aquilo que somos.

Se inquirirmos de um céptico o que pensa acerca de Deus, na resposta que obtivermos vamos descobrir muito dele próprio, das suas convicções e das doutrinas que defende. Outro tanto se passará com um crente, cujas declarações serão, sem dúvida, permeáveis ao pensamento e fé do autor.

Certa vez, Jesus perguntou aos discípulos o que é que diziam os homens que Ele era, ao que aqueles responderam: «*Uns dizem que és João Baptista, outros Elias, outros ainda Jeremias ou um dos profetas*». Compreendia-se que cada qual se decidia por uma opinião baseada nas convicções ou simpatia pessoais, imputando a Cristo a personalidade de um profeta sobre que recaíam as próprias preferências. Porém, quando Jesus replicou: «*E vós, quem dizeis que Eu sou?*», Pedro, adiantando-se aos demais, respondeu prontamente: «*Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo*». O apóstolo denunciava, assim, a sua predilecção pelo Mestre, assim como a transformação no seu carácter operada graças aos ensinamentos d'Ele recebidos. Pedro fornecera a definição de Cristo, mas dalgum modo fornecera também, simultaneamente, uma definição de si próprio.

Conclui-se, pois, que, ao afirmarmos aquilo que pensamos alguém seja, estamos implicitamente a dar conta daquilo que precisamente somos. Corremos até o risco de sermos mais exactos a nosso próprio respeito que a propósito do nosso semelhante. Com as nossas próprias palavras nos absolvemos ou condenamos, visto que, da mesma forma que naquilo em que tocamos deixamos reproduzida a impressão digital, em tudo sobre que emitimos opinião ou sentença fica impresso o sinete da nossa própria conformação. Talvez tenha sido esta a razão pela qual Cristo, quando os escribas e os fariseus O invectivavam por os discípulos não lavarem as mãos antes de comer, lhes ter respondido: «*O que contamina o homem não é o que entra pela boca, mas sim o que dela sai*».

Não vão ainda longe os tempos em que na nossa terra se assistiu a desenfreada campanha contra alguns dos vultos mais nobres da nossa Pátria. Luís de Camões foi um dos alvos sobre os quais se encarniçaram os apóstolos dessas estranhas doutrinas. Vários apodos lhe foram lançados e não sabemos

Continua na pág. 19



Capitão Manuel de Sousa Duarte Borrego

No dia 1 de Dezembro findo, faleceu o sr. Capitão Manuel de Sousa Duarte Borrego, de 77 anos de idade. Trata-se de um velho e dedicado escoteiro e nosso estimado assinante que, apesar de há muito afastado da actividade do nosso movimento, sempre se conservou a ele ligado e aos escoteiros por laços de afectividade, tal como seus irmãos, os srs. Coronel Joaquim Duarte Borrego e José Duarte Borrego, este já falecido.

Segundo os apontamentos que nos foi possível reunir para traçar a sua biografia escotista, o Capitão Manuel Duarte Borrego começou a carreira escotista, bastante novo, cerca de 1912, no 2.º Grupo, quando este tinha a sede na Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 2, na Esperança, ao tempo em que era dirigido pelo Comandante Melo Machado, regressado do Ultramar, tendo sido integrado numa patrulha dirigida pelo EC Abílio dos Santos, que mais tarde ascenderia à chefia do grupo, de que se tornaria um dos seus mais famosos dirigentes. Pensa-se que, anos depois, o Capitão Borrego tenha ingressado no Grupo 9, donde a seguir transitaria para o 5, que, crê-se, tenha vindo a chefiar.

Na década de 20, desempenhou o cargo de comissário do Serviço de Material e Fardamentos.

Outra passagem da sua carreira escotista que importa destacar é o facto de ter feito parte de delegação portuguesa que esteve no 2.º Jambori Mundial, que se realizou em 1924, na Dinamarca, delegação de que faziam parte também o seu irmão, Coronel Joaquim Duarte Borrego, o EC Albano da Silva, o Dr. Dinis Curson e o Prof. Henrique de Barros.

O Capitão Borrego, que se distinguia pela afabilidade do trato, deixou as melhores recordações em todos quantos com ele contactaram durante a sua passagem pelo nosso movimento.

À família em crepes, e em especial ao nosso estimado assinante sr. Coronel Joaquim Duarte Borrego, apresentamos sentidas condolências.

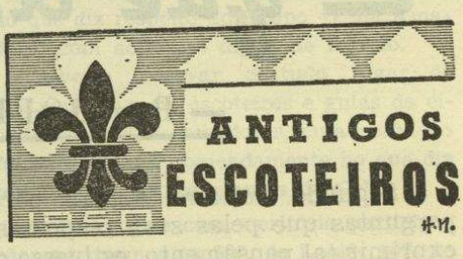
Há que distinguir entre saber e julgar saber. Saber, é ciência; julgar saber, é ignorância.

HIPÓCRATES

Comandante Adriano Augusto Gonçalves Coutinho Lanhoso

Na sua residência na cidade do Porto, faleceu este oficial da Armada, que desde 1953 desempenhou o cargo de delegado dos Serviços Centrais da AEP na Capital do Norte, lugar que em certa altura deixara para ocupar o de presidente da Direcção Regional do Norte, a que resignara recentemente, por motivos de saúde.

Sempre Pronto manifesta o seu pesar à família em crepes e aos nossos camaradas nortenhos.



Magusto de 1976

No dia 7 de Novembro findo, domingo, a Fraternal dos Antigos Escoteiros promoveu o seu tradicional Magusto, na mata do Parque de Escotismo da Caparica.

A reunião esteve bastante animada, notando-se a presença de grande número de antigos escoteiros, em especial do Grupo 9.

Homenagem aos Heróis da Restauração

No dia 1.º de Dezembro último, mais uma vez a Fraternal dos Antigos Escoteiros levou a efeito a cerimónia de deposição de um ramo de flores na base do monumento dos Restauradores.

Estiveram presentes muitos antigos e actuais escoteiros, entre os quais o presidente da Direcção da Fraternal, Dr. Eugénio Henrique Ramos, que proferiu, na altura, algumas palavras alusivas ao acto, o Dr. Fausto Salazar Leite, em representação da AEP, António Xavier de Brito, António Viegas Custódio, Levi Lobato, António Pinto, Amílcar Pinto, Wolfgang Karl, José Almeida Santos, Amândio Moreira Dias, Luís Saraiva, Amílcar Santos Fernandes, Armando Soares, João Patrício de Melo, Luís António Santos, Dr. António Augusto da Silva e Cunha e Eduardo Xavier.

Prémio «Amílcar Fernandes»

A Direcção da Fraternal resolveu atribuir o Prémio «Amílcar Fernandes», constituído por fardamentos de lobitos oferecidos por este antigo dirigente escotista, aos Grupos n.ºs 9 e 79.

O famoso compositor Irving Berlin

doou os direitos de autor sobre as suas canções patrióticas à Fundação Escotista e Guidista

Após muitos anos, o compositor Irving Berlin doou os direitos de autor das suas canções patrióticas à Fundação Escotista e Guidista.

Por ocasião das últimas convenções políticas dos republicanos e democráticos para escolher os candidatos à presidência, a canção popular de I. Berlin *Deus abençoe a América* foi frequentemente tocada para cortar as manifestações a favor dos candidatos favoritos. Cada vez que as redes de TV que filmavam as convenções difundiam a canção, tinham de pagar 400 dólares, pelo que se calcula que a Fundação receberá aproximadamente 50 000 dólares dos EUA em direitos de autor.

O CNE prepara um Acampamento Regional a realizar em Mafra

Realiza-se no próximo mês de Agosto um Acampamento Regional de Lisboa, que terá como palco a Mata de Mafra.

O Aniversário de «Sempre Pronto»

O nosso prezado amigo e estimado companheiro Jacinto dos Reis Moniz Silva, infatigável no seu denodado apoio a este jornal, de que é delegado há longos anos nos Açores, não esqueceu a passagem do 32.º aniversário de «Sempre Pronto», tendo-nos enviado, a propósito, as seguintes linhas que com muito gosto transcrevemos:

«Ao decorrer o 32.º aniversário da fundação do nosso Sempre Pronto, *intemerato defensor do Movimento Escotista em Portugal, faço sinceros votos para que seja possível a continuidade de tão útil quão necessária publicação, — que durante anos foi praticamente o único elo de ligação entre os Grupos de Escoteiros de Portugal, — para bem do Escotismo no nosso País.*

«Fraternais saudações para todos quantos trabalham em Sempre Pronto, *do Companheiro*

«Sempre Pronto a Servir»

a) Jacinto dos Reis Moniz Silva

Sensibilizados, agradecemos a amizade e colaboração deste nosso irmão escoteiro, de que muito nos orgulhamos.

"SEMPRE PRONTO"

Com a reorganização dos Serviços deste jornal e o seu enquadramento como propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal, são modificados os quadros directivos de «Sempre Pronto».

Todos os componentes das equipas de administração e redacção permanecem nos seus postos, à excepção de Armando Inácio, que se demite. Capitolino Ferreira Macedo assegura os serviços de expedição. Ernesto Clímaco do Nascimento e Luís Garcia colaboram na administração.

O Administrador será José Eduardo Pena Ribeiro.

Todos os nossos colaboradores habituais nos continuarão a dispensar a sua ajuda, tendo o nosso distinto amigo Professor António Álvaro Dória prometido uma mais assídua presença, o que constitui agradável notícia, dado o apreço em que são tidos os seus brilhantes trabalhos.

A «Página do Escoteiro», de tanto interesse para os mais novos, terá a colaboração do Eng.º José Maria Nobre Santos, qne fez o favor de aceitar o nosso convite para este serviço e cuja competência, como técnico «insígnia de madeira», nos assegura um eficiente trabalho.

A Redacção terá como Secretário o Chefe Escoteiro António Carlos Lapa Conde. Vítor Viegas e a sua equipa de animação desportiva ACM colaborarão com trabalhos de iniciação desportiva e jogos.

Novos colaboradores temos em vista, de que oportunamente daremos notícia.

A Redacção e Administração está instalada na Rua Saraiva de Carvalho, n.º 97, em Lisboa-3, onde todos os assuntos referentes ao jornal poderão ser tratados.

★

O facto de «Sempre Pronto» prosseguir na sua publicação é uma real homenagem aos seus Leitores e Assinantes. São eles, afinal, que insistem na publicação do jornal. Também, por nossa parte, só nos interessam os Assinantes que têm empenho no «Sempre Pronto», que o desejam receber, que querem apoiá-lo. É para esses que trabalhamos desinteressadamente. Portanto, todos os outros, os que assinam o jornal por esmola, pagando com relutância a assinatura, dando-nos muito trabalho e despesa para receber o respectivo valor, estão dispensados dessa penosa obrigação. «Sempre Pronto» será para os autênticos Escoteiros, para os Antigos Escoteiros e para os bons amigos do Escotismo, para aqueles que pagam com prazer o valor das assinaturas e estes são felizmente muitos, a maioria mesmo. «Sempre Pronto» portanto será dos seus Leitores e serão estes que o vão manter.

As Rotárias e o Escotismo

APELO À COOPERAÇÃO ENTRE OS MOVIMENTOS ESCOTEIRO E ROTÁRIO

Na sua publicação *Boletim do Governador*, enviado a todos os clubes rotários dos países árabes, o Governador do Distrito Rotário 195, Bahir Osny, do Cairo, sublinha a possibilidade de ser incrementada a cooperação entre os clubes de Rotários e o movimento escotista. Escreve ele: «O escotismo é uma outra instituição baseada no serviço do próximo, de nobres ideais e que se abre para a compreensão internacional. Trata-se essencialmente de uma educação para-escolar, cujos objectivos, que são a personalidade, a cidadania e o espírito de serviço, correspondem àqueles que simbolizam cada membro dos Rotários na sua própria comunidade. Jovens escoteiros apoiaram, através do mundo, numerosos clubes rotários no seio da sua comunidade e nos seus projectos de serviço social; os clubes de rotários, quanto a eles, levaram incalculáveis contribuições às organizações escotistas das suas comunidades. As possibilidades da associação Rotários-Escoteiros oferecem-se actualmente em milhares de comunidades onde as duas instituições existem».

Quando era ainda muito novo, o sr. Osny criou um grupo de escoteiros na sua escola.

O PRESIDENTE DO «ROTARY» INTERNACIONAL PRONUNCIA-SE NO MESMO SENTIDO

Robert A. Manchester II, presidente do «Rotary» Internacional, obteve o mais alto grau da *Eagle Scout* durante a sua juventude, em Ohio. A associação Boy Scouts of America dedicou-lhe a Medalha de *Distinguished Eagle Scout* aquando da Convenção de 1976 dos Rotários, em Nova Orleães. Respondendo, R. Manchester declarou que, «como a maior parte dos homens que foram escoteiros, jamais deixei de me interessar pelo movimento. Sinto-me satisfeito por saber que 40 % dos clubes de rotários dos EUA suportam financeiramente cerca de 2000 alcateias de lobitos, grupos de escoteiros e clãs de caminheiros, o que abrange 61 000 rapazes aproximadamente. Posso-vos assegurar que isto é uma tarefa cujas consequências vão mais longe do que se imagina normalmente. O que os nossos adolescentes mais precisam para os ajudar a tornarem-se úteis e cumpridores das leis, é naturalmente a carinhosa atenção que se lhes presta nos lares, mas também toda a camaradagem, os conselhos, e os exemplos que recebem dos escoteiros. Aqueles que contribuem para encontrar o bom êxito destas organizações, prestam realmente um serviço. Espero que todos os rotários e os clubes de rotários se lembrem disto».

(De *World Scouting Newsletter*)

Belo Horizonte homenageia os Escoteiros

A bela e moderna cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, no Brasil, denominou Praça do Escoteiro um dos seus largos, onde confluem as Avenidas Carandaí e Alfredo Belana, a Alameda Ezequiel Dias e a Rua de Pernambuco.

Este facto prova o enorme prestígio de que o movimento escotista goza na Nação Irmã.

Brasil

O Grupo Escoteiro do Mar Adalberto Nunes

em grande actividade editorial

Os nossos irmãos escoteiros do Grupo Almirante Adalberto Nunes estão demonstrando o espírito de iniciativa de que estão dotados, ao editarem, com certa regularidade, três interessantes órgãos de imprensa.

O mais antigo é *O Saveiro*, órgão do próprio grupo, que já experimentou a impressão em *off-set*, mas que, por enquanto, continua, por algum tempo, com impressão em duplicador.

Trata-se de um jornal despretensioso, mas que se lê com muito agrado e proveito.

Como órgão da tropa escoteiro júnior e sénior do mesmo grupo, tem saído *A Guarnição*, que revela certo cuidado e bom gosto na apresentação e colaboração de muito interesse, demonstradora da imaginação dos seus responsáveis.

Os lobitos deste grupo também têm o seu jornal — *O Lobão* — recheado de trabalhos destinados aos mais novos do movimento escotista, que decerto serão muito apreciados pela rapaziada a quem é dedicado.

Parabéns a estes nossos irmãos escoteiros de Brasília e os desejos de *boa caça!*

O INQUÉRITO de "Sempre Pronto"

Qual a sua opinião sobre os «Artigos de Fundo» de «Sempre Pronto»?

O desaparecimento a que esteve quase sujeito este jornal, fez despertar à sua volta uma barreira formada por aqueles Amigos que, ao longo da vida desta publicação, sempre têm apoiado a vida de *Sempre Pronto*. São esses os verdadeiros escoteiros, que reconhecem que, apesar da modéstia destas páginas, o nosso movimento ficaria mais pobre com tal perda.

Está, por agora, afastada a ameaça que impendia sobre a vida deste órgão escotista. Surge agora o problema de reorganizar as suas estruturas, revivificar a sua acção, eis o programa que se põe à nossa frente e para o cumprimento do qual não podemos prescindir da colaboração dos nossos dedicados assinantes e amigos. Ela tem de vir, desde os mais velhos aos mais novos, como, por exemplo, deste jovem escoteiro da laboriosa vila de Olhão, João Pedro Cocco Mercante Ferro, quando diz, revelando um nível de compreensão que porventura a outros mais responsáveis tem faltado, que «*gostaria de juntar a minha às palavras de apreço dos que sempre acompanharam* S. P. *ao longo da sua existência que vai agora findar. Apesar de o assinar há coisa de um ano, acho-o fundamental na AEP e não sei como é que essa brecha será preenchida*».

Mas os mais velhos também não têm estado ausentes nesta tomada de posição, como o nosso assinante patrocinador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, de Lagos, a quem os anos não conseguem embotar o ânimo para a defesa de nobres ideais. Diz este nosso prezado amigo, depois de nos felicitar pelo artigo *A Degradação da Palavra* que «*deveria circular em letras maiúsculas, especialmente entre os que, falando de democracia, a atraiçoam a cada instante, segundo as conveniências partidárias ou individuais*», que «*a existência de* Sempre Pronto *se impõe, porque a Imprensa formativa é fonte de luz para tantos que, só se preocupando com jogos políticos, afundar-se-ão, desde que desapareçam os periódicos que lutam pela verdade*».

Do Brasil — Votos de que se encontre a solução para o problema

Um dedicado escoteiro-chefe brasileiro, que continuamente vem demonstrando por este jornal um carinho deveras cativante, o nosso companheiro EC Constantino Atanásio, do Grupo 8 do Distrito Federal (Brasília), analisa a crise do nosso jornal com clarividência e objectividade:

«*Os editoriais são necessários, de vez que eles traduzem a experiência, dão o brado de alerta, colocam a realidade nos factos. Embora não especificamente, os editoriais são dirigidos aos chefes e àqueles que têm uma posição maior na direcção do Movimento; isto não impede que os escoteiros os leiam, e se não o fazem deveriam fazê-lo, pois a eles caberá a continuidade de toda a mecânica escoteira. O Escotismo de hoje não admite mais chefes sem uma cultura relativa, do mesmo que os retrógrados estão fora de cogitações.*

Sou chefe do Grupo 8 do Distrito Federal. Lamento profundamente que elemento do nosso irmão de numeral tenha tido a ideia infeliz de alegar que os Escoteiros daquele Grupo não conseguiam ler os artigos de fundo até ao fim. Do mesmo modo, sensibilizou-me a notícia de que Sempre Pronto *deverá encerrar as actividades em Dezembro. Esta vai ser realmente uma lacuna muito difícil de ser preenchida. Quero hipotecar a minha solidariedade e faço votos de que se encontre uma solução para o problema, quem sabe se conseguindo patrocinadores.*

Os editoriais devem e são necessários continuar; porém, muito mais necessária é a continuação de Sempre Pronto, *e receba os meus cumprimentos pelo excelente* A degradação da palavra. *Felizmente ainda existe um Eduardo Ribeiro, corajoso e Escoteiro (com E maiúsculo). Que bom seria que existissem muitos Eduardos Ribeiros*».

Neste momento, o Escotismo Português carece mais de chefes qualificados

Conforme prometera, o EC David Pedrosa, de Vila Nova de Gaia, envia-nos o seu depoimento sobre o momentoso problema que afligiu este jornal. Estudo ponderado e sereno, merece bem a atenção de todos quantos por *Sempre Pronto* se interessam. É com a transcrição na íntegra desse belo trabalho que encerramos estas linhas.

Diz o EC David Pedrosa:

O Escuta é fiel ao que promete, e nessa linha cá estou a dar a minha modesta opinião sobre os artigos de fundo e da posição do Sempre Pronto *no escotismo nacional.*

Os Artigos de Fundo, se forem um ponto de reflexão aos chefes e para os que se preparam para tal, são também meritórios, de grande utilidade e tem papel relevante na valorização dos mesmos. O escotismo não é só os jovens. Há que considerar os que os orientam. Neste momento, creio bem que, o escotismo português carece mais de chefes qualificados, com olhos fitos não só no presente mas no futuro. Sem eles, o escotismo nada vale. O jovem é traído e o escotismo nada lhe diz, nada lhe dá, bem pelo contrário, leva más recordações e o remorso do tempo perdido aquando escoteiro, pois, não teve chefes qualificados e à altura de o guiar na ânsia de aventura e saber, tão natural e salutar no jovem. Nunca teve chefes com conhecimentos suficientes e sólida moral para o guiar e ajudar na sua formação. O mau chefe trai o sublime sistema educacional que o grande mestre Baden-Powell nos legou e o jovem bem cedo se apercebe disso.

Como atrás disse, os Artigos de Fundo, além de pontos de reflexão aos chefes, podem da mesma forma, ajudar o enriquecimento e a valorização do jovem; desse mesmo jovem que gosta da notícia, da reportagem, do conto, da técnica e tantas outras motivações que estão ao alcance de um jornal, por muito pequeno que seja.

O Sempre Pronto, *repito, quanto a mim, é um jornal muito útil ao escotismo nacional, movimento com tão pouca divulgação escrita. O jornal tem boa apresentação e cuidadoso noticiário. E até tem, de quando em vez, escusadas polémicas entre irmãos-escoteiros.*

No CNE, associação-irmã a que pertenço, muitos são os assinantes do S. P. e são unânimes em reconhecer os seus méritos. Creio mesmo que tem o S. P. mais assinantes no CNE do que a Flor de Lis *na AEP.*

Precisamos, sim, de incitar e acalentar os administradores e colaboradores do Sempre Pronto. *Precisamos de conjugar esforços para lançarmos cá para fora, para o jovem e para o dirigente, bons livros, boas traduções, e porque não, uma revista como o* Scouting, *o* Scout d'Europe *e outras de igual valor.*

Precisamos de nos unir mais

Precisamos de nos unir mais, pois o método é o mesmo, e mostrar ao País o valor do escotismo como escola de formação, e a necessidade de dar aos jovens de Portugal que procuram no escotismo o preenchimento do vazio da idade de adolescência, e em simultâneo, fortalecerem o corpo e a alma.

O escotismo não é só aqueles grupos de rapazinhos fardados e que fazem acam-

Continua na pág. 18

PÁGINA DO ESCOTEIRO



DEDICADA À PROTECÇÃO DA NATUREZA

Para ti, irmão escoteiro

Amar os animais



B.-P. foi um pioneiro da protecção da Natureza. No Escotismo para Rapazes, *publicado há quase 70 anos, já leste, com certeza, aquela passagem em que ele nos fala da caça. Para B.-P, este desporto era, sobretudo, a perseguição dos animais para lhes estudar os hábitos e as formas, admirar a beleza e fixar, em fotografia, as suas imagens.*

Diz então o Fundador: «Um escoteiro não deve nunca matar um animal sem motivo razoável, e neste caso deve fazê-lo prontamente, para lhe evitar sofrimento».

É deveras confrangedor o que acontece com os caçarretas da nossa terra, possuídos de autêntica sanha de destruição. Num livro que tenho presente chama-se a nossa atenção para o facto de o Homem já ter provocado o desaparecimento de mais de 120 espécies de mamíferos e de mais de 150 de aves. Que irremediáveis destruições estarão prestes a ser consumadas em consequência da eficácia que os instrumentos de morticínio actualmente possuem e da vulgarização do seu emprego? Não há dúvida de que a sobrevivência de certas espécies de animais está seriamente ameaçada.

O que dizemos não é apenas uma demonstração de sentimentalismo a respeito dos animais. A existência de espécies diversificadas é útil e indispensável. O grande historiador Michelet decidiu-se um dia por enveredar pelo estudo das formas naturais de vida e tão grande foi o entusiasmo que ganhou por tal actividade que sobre ela escreveria alguns livros. Num deles, Os Pássaros, *afirma em determinada altura:* «O homem não poderia viver sem as aves, pois só elas o puderam salvar dos insectos e dos répteis».

É este o testemunho de um sábio, dalguém que se debruçou atentamente sobre o assunto. Porém, não obstante estes avisos, dados por quem, mercê do seu trabalho de investigação, tem autoridade para o fazer, a que é que se assiste? A uma desenfreada e encarniçada campanha contra o equilíbrio ecológico, que as diferentes espécies de animais podem assegurar.

Um escoteiro é um amante da Natureza e, portanto, não pode agir impensadamente, à margem dos problemas emergentes das leis que a equacionam. Quanto melhor se conhecer o mundo natural, melhor o havemos de amar. Aconselhamos-te, a propósito, a admirar a excelente série de documentários O Homem e a Terra *que a RTP está a transmitir, realizada pela TV espanhola. Segue com atenção esses magníficos filmes e com eles aprenderás a conhecer melhor o mundo natural.*

E nas tuas actividades no campo, não esqueças esse importante capítulo da vida escotista, que indubitavelmente possui cem por cento de actualidade.

Faz escotismo, mas foge à rotina e à falta de inspiração. E sobretudo não esqueças de que um mundo melhor não pode ser, de forma alguma, um mundo mais pobre. E os animais são preciosos factores de riqueza.

Uma forte «canhota» do

PINGUIM DO MEIO-DIA



LISBOA E AS SUAS ÁRVORES

A redacção teve a amabilidade de publicar a minha carta sobre a protecção à natureza; agradeço muito esta atenção. Teria ligado menos a ver as minhas palavras impressas do que, por elas, trocar ideias com os escoteiros que vão tratar da protecção à natureza e com as pessoas que cometeram o acto de vandalismo arrancando árvores de fruto recém-plantadas.

Hoje, junto umas páginas de Fernando Namora, publicadas no seu livro «A Nave de Pedra», onde este escritor afamado trata quase do mesmo assunto e explica as razões por que o citadino não tem compreensão para a natureza nem o desejo de a proteger.

Li, com pena, que o «Sempre Pronto» está destinado a morrer, no fim deste ano. Gostava sempre da leitura, sem poder dizer se os rapazes novos eram capazes de a apreciar, igualmente. Hoje, em vista da suspensão iminente desta publicação, já não é problema actual. Antes, queria recomendar discussões vivas sobre os problemas que interessam aos escoteiros e estou disposta a participar numa tal discussão sobre o tema bastante importante da protecção à natureza, servindo de base a exposição primorosa «Esta Lisboa das Árvores que não tem».

Com os meus cumprimentos atenciosos

DR.ª STEPHANIE LION

Continua na página 6

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da página 5

ESTA LISBOA DAS ÁRVORES QUE NÃO TEM

Visto que o homem, afinal, olha e defende nas coisas a sua imagem, o que nelas é sua criação, não sei até que ponto os problemas da ecologia não terão sido enunciados de um modo simplista, sob padrões abusivamente generalizados. Com efeito, o homem faz e refaz sem cessar o meio onde vive, consoante as suas necessidades, hábitos, tendências; é ele, pois, a modelar o que o cerca, a reinventar uma natureza, depois de gradualmente se ter desfeito da que encontrou. Mas como nem em todo o lado as necessidades e os engenhos e os gostos que elas geram são os mesmos, tanto como diverge, de umas regiões para outras, o ritmo das mudanças, não há que esperar uniformidade no que cada um pede à sua ambiência. O que para alguns tem fascínio ou um certo significado, nada diz a outros. O homem, em suma, lavra o seu ambiente e é por ele lavrado.

Por isso, pergunto se o citadino de raiz, cuja paisagem foi de sempre o favo repleto, o arranha-céus ou a chaminé fabril, e a ela se afeiçoou, compreenderá muito bem que se lhe fale, por exemplo, com enlevo ou nostalgia, de flores, de prados, de arvores — e do quanto tudo isso importa para qualidade de vida. A ecologia, como risco e como desafio, descobriu-a o homem não à medida que ia modificando o seu mundo, ao mesmo tempo que se modificava, mas sim quando exigiu de mais, ou excessivamente depressa, das suas faculdades de adaptação a condições novas. Quando descobriu que havia um limiar para essa adaptabilidade, uma norma a zelar, para lá das quais viriam as mutilações e, quem sabe, o fim da espécie. Poder-se-á então dizer que, fora dos casos em que a estrutura biológica do ser humano é agredida, cada um enfrenta e sente os problemas ecológicos que correspondem ao seu molde físico e mental, ao estádio evolutivo da civilização a que pertence e até às diferenciações individuais.

Mas voltando ao citadino nado e criado na cidade: conheço um bom par deles que nem dão pela carência de espaços verdes, como não dão pela falta de céu, o céu largo onde cabem as estrelas, embora saibam remotamente que essa carência os empobrece. Falar-lhes, pois, da brisa que parece soltar-se das árvores, no pino do Verão, do fervedouro da urbe a serenar-se nos jardins, do apaziguamento dos sentidos ao escaparem-se do betão para as relvas, falar-lhes do ar gordo que os bosques tornam leve e límpido — é usar uma linguagem que precisa de decifração, ainda que esse mesmo citadino, por contágio de um mundo que corre para todas as estradas de errância, já não dispense o domingo de praia ou de campo e deserte da sua cidade sempre que pode, sem ao certo saber que perigo o faz debandar, por dias ou por horas, ou que aceno o atrai para esse rito das multidões em fuga.

O citadino, creio, perdeu o sentido biológico dessas coisas. Aos poucos se foi deixando emparedar e insensibilizar na frieza das ruas despidas. Se, nos dias de fogo, amodorrado pelo deserto de sol em que vão transformando a sua urbe, lamenta a míngua de sombras, de abrigos de verdura, essa lamentação penso que traduz mero desconforto, um protesto superficial sem vínculo em qualquer sentimento profundo. Mas quem, desde o berço, confundiu paisagem com bredos e pinhos e aprendeu que as árvores interferem na vida dos homens, no seu modo de ser e de fruir, quem teve ensejo de identificar o ar que se respira pelos odores que o impregnam, como se apura, pelo travo, a casta de um vinho, e quem, mais tarde, soube que as clareiras verdes corrigem os climas, defendem a saúde, intervêm decisivamente no espigar das crianças — esses têm de sentir a instintiva rebelião dos jovens contra os agressores da natureza, o seu combate ecológico, que é simultaneamente um pretexto e uma finalidade, quase uma alegoria; esses têm de se doer, nas entranhas, por assistir a este crescimento sôfrego de uma cidade airosa, como Lisboa, a odiar o arvoredo.

Lisboa odiar as árvores? Que heresia, hão-de clamar os que vão plantando aqui e ali uns raminhos esguios e melancólicos, mais ou menos perdidos numas fatias de erva, a compensar a destruição encarniçada das árvores antigas, suficientemente autênticas e frondosas para seduzir os pássaros, para nos darem quietação e frescura e, sobretudo, para nos transmitirem uma realidade vegetal. Hoje, Lisboa galga por aí fora, impaciente, de olhos vendados, sempre a fugir do mar-rio que lhe deu uma personalidade contrariada (deve ser a única cidade do mundo que desperdiça a sorte de ter nascido à beira do mar e de um estuário prodigioso), hoje Lisboa rasga avenidas entaladas entre anómalos prédios que as sufocam, corrige-as de mau humor no dia seguinte e prossegue na sua sina de buracos e entulhos, semeando milhares e milhares de pessoas em cada novo bairro sem lhes assegurar um jardim, uma alameda, um tufo de árvores dignas desse nome, que convide as pessoas a interromperem, por instantes, o frenesi da sua existência.

Dizem as estatísticas que temos hoje mais árvores em Lisboa. E acredito que assim seja — seria difícil o contrário. Mas já se confrontou esse acréscimo com o aumento da população e da área habitável? Eu pergunto isto, e perguntá-lo-á muita gente, porque, ao olharmos à volta, encontramos sempre os mesmos oásis de há muitos anos — mas esses traçados com largueza, sem considerar o terreno perdido para aquelas alucinantes arrematações dos empreiteiros, que dia a dia devoram o que restava das plácidas moradias rodeadas de um vergel, erguendo em seu lugar casernas que se disputam na aridez e na fealdade. O que encontramos de novo, envergonhados da sua tísica presença, são os tais arbustos espigadotes, que qualquer safanão do vento verga até ao chão, e cuja sombra tem medo do sol.

Não, a Lisboa das árvores, do Passeio Público, da Tapada da Ajuda, do Campo Grande, parece ter acabado. E creio que as imposições dos tempos não têm que ser chamadas a justificar-lhe o fim. Pois que dizer, então, das novas metrópoles (estou a lembrar-me, por exemplo, de Toronto), que mais parecem um imenso parque atravessado de ruas e picotado de imóveis audazes do que uma colmeia de milhões de habitantes? E será apenas coincidência que Toronto seja simultaneamente uma cidade toda ela futuro, onde a juventude insubmissa reina, e uma cidade de paz?

*

E posto cá fora o desabafo de provinciano, falemos agora com objectividade. O problema dos espaços verdes, directamente relacionado com o equilíbrio homem-ambiência e portanto com a saúde pública (na Rússia, edificam-se cidades-modelo, nas quais o arvoredo e a vegetação provaram ser capazes de crivar a atmosfera de poluições assassinas), tem sido debatido em todo o lado, em boa parte como reacção à fúria das novas construções empilhadas e desnudas, que, tal como se agrava, vai representando uma ameaça à estética das urbes e às condições de sanidade. Dos países nórdicos, já sabemos quanto respeitam o lema de que o homem, seja citadino ou aldeão, deve viver dentro da natureza e não contra ela ou fora dela. A todo o passo o viageiro encontra terras do tempo novo que, para o serem, não precisaram de destruir o que preserva a ecologia. Perante um renque de árvores seculares (às vezes perante uma só), o urbanista pensa primeiro no modo de o integrar nas exigências do progresso, não se poupando a labores para o conseguir; aqui, na nossa Lisboa, se a árvore é estorvo, ou tida como tal, forçam-nos a crer que nem por um segundo se estuda uma alternativa, se hesita no sacrifício. O derrube chega a parecer triunfal.

Em França, mais ao pé da nossa porta, o problema mereceu já repetidas controvérsias públicas e depoimentos (e protestos) da Academia de Medicina, visto que os médicos, sempre tão esquecidos, poderiam ser bons conselheiros em questões deste quilate. A exemplo da cruzada de

Continua na página 7

outros países, a Academia chegou a emitir o voto de que todas as áreas ainda disponíveis fossem rigidamente reservadas a futuros «espaços verdes» — e, no entanto, Paris, sabem-no os que a conhecem, é uma cidade aparentemente farta de jardins, bosques, quintais, e onde uma avenida parece sinónimo de duas fileiras de bem copadas árvores. Apesar disso, segundo os cálculos desmistificadores dos técnicos, a capital francesa é das cidades mais saturadas de casario: conta pobremente com três por cento de espaços verdes, em duro contraste com os seis por cento de Nova Iorque, nove por cento de Berlim, dez por cento de Londres e quinze por cento de Viena. O número de habitantes para um hectare de espaço verde é de 10 000 em Paris, de 1500 em Nova Iorque, 1300 em Londres e 500 em Berlim. A cobertura total em parques e jardins, na Paris dos nossos dias, soma 424 hectares, não incluindo os 1794 hectares dos bosques de Bolonha e de Vincennes e outros de menor fama. No parecer dos higienistas, porém, as necessidades teóricas elevar-se-iam a 140 hectares para jardins de infância, 1200 para parques de desporto e 6200 para outros espaços verdes ajardinados, ou seja (cifras decerto já desactualizadas) um somatório de vinte metros quadrados para cada parisiense.

Não sei se estes cômputos, pelo que respeita à Lisboa de há trinta anos, nos humilhariam; mas desfavorecem-nos, com certeza, em relação à chamada Lisboa Nova, teimosamente subsidiária das árvores, dos lagos, das estátuas, da verdura que os nossos pais e avós, sem olhar por certo a estatísticas e higienes, apenas para oferecerem a si próprios beleza e serenidade, generosamente nos legaram.

Do livro de FERNANDO NAMORA
«A Nave de Pedra»

(Com a especial e expressa autorização do Autor e dos Editores, Livraria Bertrand, SARL)

A FAUNA E A FLORA SELVAGENS AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO



Segundo o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), o homem exterminou 369 espécies e subespécies biológicas marinhas e a baleia encontra-se, hoje, ameaçada de extermínio; a despeito da interdição do comércio de peles e de trofeus, o tigre, o lobo-tigre e certos antílopes estão entre as espécies da fauna selvagem ameaçadas de extinção; várias espécies de crocodilos foram exterminadas no decurso dos últimos 50 anos; lamentavelmente, a caça a estes animais, apesar de proibida, não diminuiu.

O PNUA apoia vários projectos da fauna e da flora selvagens. Com o apoio do PNUA, da UNESCO e da União Internacional para Conservação da Natureza, foram lançados projectos de educação orientados para a conservação e, no âmbito do seu departamento das florestas, a FAO estabeleceu uma subdivisão da conservação das florestas e da fauna selvagem que se empenha em criar projectos em África, na Ásia e na América do Sul. O PNUA financia igualmente a planificação dum sistema coordenado de parques e de reservas nacionais na África Oriental e Ocidental, bem como na América Central.

(Do *Boletim da Comissão Nacional do Ambiente*)

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da página 6

SER AMIGO DOS ANIMAIS

Sob esta epígrafe, publicou o nosso jornal, em Maio do ano findo, na secção *Para ti, irmão escoteiro*, um comentário em que se verberava a atitude de uns caminheiros de Almada que pretendiam caçar no Parque Nacional de Escotismo, da Caparica.

Um membro responsável da Junta Central da associação irmã dignou-se prestar-nos os seguintes esclarecimentos:

1.º Não existe em Almada qualquer agrupamento com o número 17.
2.º Confirma-se que é um elemento de um grupo daquela área a quem é atribuível aquela reprovável atitude;
3.º Não foi sancionada, pela respectiva Junta Regional, a nomeação desse elemento para dirigir o aludido grupo;
4.º Lamenta esse membro responsável da Junta Central a ocorrência de tal acontecimento, demonstração inajustável ao espírito escotista.

Com estas explicações, que agradecemos, consideramos, de nossa parte, encerrada esta questão.

A PROTECÇÃO À NATUREZA
NUMA NOVA SÉRIE DE DIAPOSITIVOS



Em colaboração com a Secretaria Mundial do Escotismo, de Genebra, o WWF (Fundo Mundial para a Natureza) produziu uma série de diapositivos em cores (40 35 mm) acerca dos projectos comuns do WWF e do movimento mundial do escotismo, onde são mostradas numerosas actividades escoteiras em matéria de protecção em todo o mundo.

Neles se pode ver, em especial, a insígnia escotista de protecção à natureza, as séries de fascículos sobre protecção, as tábuas «Mostrar e Agir» e as actividades educativas sobre o ambiente do NORDJAMB 75.

Como medida de economia, os diapositivos são enviados em forma de filme que será preciso cortar e montar em suportes de diapositivos de plástico ou de metal, que podem ser encontrados em qualquer loja de fotografia a preços módicos.

O comentário que os acompanha é em inglês (língua oficial do WWF).

As séries podem ser encomendadas à Secretaria Mundial do Escotismo (*Bureau Mondial du Scoutisme*, C. P. 78, 1211 Genève, Suíça), ao preço de 6.50 francos suíços (2.60 US dólares, 1 1/2 libra), porte incluído.

«O AMBIENTE NA LITERATURA INFANTIL»
— um prémio instituído pela Secretaria de Estado do Ambiente

No intuito de contribuir para a divulgação, entre a juventude, dos conceitos essenciais a uma educação preocupada com o ambiente e a Protecção da Natureza, a Secretaria de Estado do Ambiente cria um prémio anual, denominado *O Ambiente na Literatura Infantil*, a atribuir por concurso à melhor obra literária que se refira ao assunto, publicada em cada ano.

Considerando os fins em vista, a Comissão Nacional do Ambiente divulga o seguinte:

REGULAMENTO

1. *É instituído o prémio* O Ambiente na Literatura Infantil, *no valor de 20 000$ (vinte mil escudos) a conceder anualmente.*

2. *O prémio destina-se a galardoar trabalhos originais, de poesia ou de ficção, relacionados com problemas do ambiente, e dirigidos às camadas mais jovens da população.*

3. *Podem concorrer a este prémio autores nacionais e estrangeiros, mas os trabalhos apresentados serão obrigatoriamente redigidos em língua portuguesa.*

Continua na pág. 8

O Jambori no Ar

visto de Genebra

TERRÍVEL! — é o comentário que recebemos de todas as estações europeias ao fim da tarde de sábado. Tratava-se, de facto, de uma referência às condições de transmissão radiofónica e, no HB 9 S (estação de rádio da Secretaria Mundial do Escotismo, de Genebra), tivemos disso uma nítida compreensão, porquanto bem terríveis elas estavam sendo. Em 19 anos de participação nos JOTA, certamente jamais tivéramos experiência de tais condições na Europa. Em tempo normal, por exemplo, podíamos conseguir contactos com numerosos postos britânicos ou escandinavos, sem dificuldade, através do HB 9 S, mas no sábado as estações contactadas totalizavam 3!

A rede escotista europeia, em vez de, como habitualmente, ser conduzida por HB 9 S ou LA 4 LN (Noruega), segundo o que havia sido praticado nos últimos 5 ou 6 anos, teve no CT 2 GSA, dos Açores, o posto que actuava como controlador daquela rede. Era a única estação capaz de captar outras 15 estações de 6 países.

As coisas melhoraram um poucochinho no domingo, embora ficassem ainda longe da perfeição e ainda deixando muito a desejar, porque se mostravam muito irregulares. Parecia que se melhorava numa determinada direcção do mundo, para subitamente mudar para outra direcção completamente diferente.

Todavia, durante largos intervalos, obtivemos bons contactos. Houve um momento de bom rir com uma estação escocesa que nos contava como os escoteiros haviam erguido um mastro de 15 metros que lhes fugiu e perseguiu o chefe através de todo o campo! O primeiro grupo da Ilha da Ascensão falou-nos do seu país e do seu escotismo. Rapazes do Uruguai descreveram-nos os membros da sua patrulha, durante uma paragem no Campo de Rowallan, perto de Nairobi, no Quénia, em que falavam das barreiras colocadas à roda do campo para manter os leões à distância. Deste ponto de vista, aprendemos mais neste ano acerca dos nossos irmãos escoteiros e tivemos, até, mais visitantes, vindos desta vez da Alemanha, da Indonésia, da França e da Suíça. Sentimo-nos particularmente satisfeitos com o facto de vermos o comissário do programa da Indonésia, que é o responsável pela organização do JOTA naquele país.

Como habitualmente, lamentámos não ter feito as coisas de antemão, como seja o de experimentar um dos nossos emissores, de colocar uma melhor antena de 80 metros, de substituir o cabo rotativo da antena, etc., pelo que decidimos começar os trabalhos logo que o JOTA esteja terminado, a fim de nos assegurarmos de que todo o equipamento esteja em perfeito estado de funcionamento na próxima vez.

Os nossos contactos, como mostra o nosso mapa, estenderam-se até bem longe, embora o número de estações fosse menor que nos anos precedentes. Finalmente, as estações contactadas foram em número de exactamente 100, de 32 diferentes países — em 1975, foram 129 em 21 países — e isto reflecte talvez melhor o imprevisto das condições.

Esperemos que as manchas solares, até agora pouco propícias, acabem por se mostrar mais favoráveis, melhorando assim as condições.

(De *World Scouting*)

A. E. P.

SERVIÇOS CENTRAIS

Do Boletim Oficial n.º 5/76, de 30 de Dezembro p. p., transcrevemos:

Direcção

Tomaram posse:

Eng.º José Fernandes Ferreira (Tesouraria);

Eng.º José Joaquim de Aquino (Relações Internacionais);

Dr. Firminiano Cansado Gonçalves (Chefia-Geral);

Raul Pires Pedro (Secretaria-Geral).

Parque Nacional de Escotismo

Nomeado director do Parque da Caparica o EC Mariano Garcia Inácio.

Sede

A sede foi transferida (como *Sempre Pronto* já noticiou) para a Travessa das Galeotas, 1, Lisboa-3 (telefone 639339), para onde será transferido também o Serviço de Material e Uniformes.

A sede estará aberta, ordinariamente, às terças e quintas-feiras das 18 $^{1}/_{2}$ às 21 horas.

Página do Escoteiro

«O Ambiente na Literatura Infantil»

Continuação da pág. 7

4. *Os trabalhos apresentados a concurso deverão obrigatoriamente ter sido publicados em primeira edição no ano a que o prémio se refere e dar entrada na Comissão Nacional do Ambiente* (1) *até 31 de Janeiro do ano seguinte, devendo ser entregues para o efeito oito exemplares.*

4.1. *Qualquer prémio anteriormente concedido a um trabalho impede a sua admissibilidade ao concurso.*

5. *Os trabalhos serão classificados por um júri constituído pelos seguintes elementos:*

- *— Presidente da Liga para a Protecção da Natureza;*
- *— 2 especialistas;*
- *— 2 escritores de literatura infantil.*

5.1. *Este júri funcionará na sede da Comissão Nacional do Ambiente, cabendo ao presidente deste Organismo a orientação dos trabalhos.*

6. *A decisão do júri é definitiva e não passível de reclamações.*

7. *O prémio deverá ser entregue em cerimónia pública no dia 2 de Abril de cada ano — Dia Mundial do Livro Infantil — em local a indicar oportunamente.*

8. *O júri reserva-se o direito de não atribuir prémios no caso de entender que nenhum trabalho apresentado merece, ou que não corresponde à finalidade para que o prémio é instituído.*

9. *O articulado deste regulamento pode ser alterado sempre que a entidade organizadora do concurso o considere necessário.*

A Comissão Nacional do Ambiente sugerirá ao Ministério da Educação e Investigação Científica que aconselhe como textos escolares infantis a obra premiada e ainda outras que porventura considere com suficiente valor. De igual modo, a Comissão Nacional do Ambiente compromete-se a adquirir um mínimo de 1000 exemplares da obra premiada.

---

(1) Rua Braamcamp, 82-4.º — Lisboa-1.

Escotismo e Desporto

Inovações de hoje — Já proclamadas há 50 anos!

Entre as diversificadas actividades do nosso mui prezado colaborador e estimado amigo Rev. Eduardo Moreira, ao longo de extenso período de mais de 60 anos, conta-se a de vereador da Câmara de Lisboa, cargo para que foi eleito em 1920 e que antecedeu o de vice-presidente do Senado Camarário, que ocuparia no ano seguinte.

A sua passagem pelo município de Lisboa ficaria assinalada por alguns acontecimentos de interesse para a edilidade e urbe alfacinhas, como seja o estudo que ele levou a efeito e que conduziu a que pudesse ser inaugurado, em 1921, em cerimónia em que esteve presente o Dr. António José de Almeida, então presidente da República, o novo estandarte da cidade, cuja emblemática passou a ser, mutatis mutandis, a que tem na actualidade.

Porém, de muito maior interesse para nós, escoteiros, é a sua intervenção no Congresso Municipalista Nacional, em que apresentou duas teses.

Na primeira, sob o tema O Escotismo e os Municípios, Eduardo Moreira, depois de fazer o panegírico do nosso movimento, a que concedeu foros de escola de civismo, afirmou que o Escotismo incluía no seu método as marchas, uniformes, evoluções e continências, adoptando «a velha dramaturgia da disciplina porque outra não teria nem se tornaria necessária. Mas o Escotismo adaptou e assimilou tudo isso com o alvo de uma educação integral. A disciplina colectiva que arregimenta e provoca os movimentos simétricos, incute o espírito da obediência e o espírito da ordem. Poderiam, desacompanhados, talvez matar o nobilíssimo espírito de iniciativa, o sentimento da responsabilidade e da utilidade individuais, fazendo o ser humano abdicar de si; por isso o Escotismo cultiva a emulação entre os grupos e entre as patrulhas dentro do grupo, e entre os escoteiros dentro da patrulha; desenvolve a educação técnica e profissional, examinando os escoteiros que se habilitam livremente, segundo as suas vocações, e concedendo distintivos de especialidade; provoca aquilo que se poderá traduzir do inglês como a auto-suficiência — o homem bastar-se a si; cultiva a autodisciplina pelo respeito próprio e uma precoce compreensão dos valores latentes de cada um; promove a organização social pelo aproveitamento dos dirigentes natos (o Leadership); a tolerância social e o combate ao vício, e, enfim, o robustecimento da raça pelo regresso à natureza na medida do possível e do conveniente, sem perda do melhor que a civilização nos trouxe».

Eis algumas das virtualidades do Escotismo, nesta tese já então clarividentemente detectadas, mas que, apesar da ingente necessidade de aplicação, em face dos quase contínuos períodos de crise com que a nossa Pátria se vem debatendo, continuam desaproveitadas, preocupados, como estamos, com questões de somenos que a nada conduzem.

E as duas conclusões da tese deixam-nos perplexos ao entrevermos o que poderia ter ganho este país se tivessem sido concretizadas. Dizem elas:

Seria da máxima utilidade reorganizar o Escotismo nacional:

1.º Criando grupos municipais nos concelhos onde elementos técnicos se formem — e só aí, porque sem boa direcção técnica e moral o Escotismo é contraproducente (eis um dedo na ferida originada pela frequente desatenção com que este melindroso problema tem sido tomado entre nós).

2.º Federando todos os grupos para o estreitamento de relações e para a utilidade técnica na editoração de obras de propaganda e de ensino especial (a bibliografia escotista nalgumas nações é enorme) e até na sustentação futura de cursos de escoteiros-chefes e de escolas de repetição, etc.

A outra tese apresentada relaciona-se com problemas da educação física. Intitula-se A Educação Física do Povo e os Campos Municipais de Jogos.

É também muito curioso e de grande interesse este trabalho de Eduardo Moreira. Começa por fornecer documentação acerca da tradição dos exercícios físicos no nosso país, fazendo-os remontar até os tempos de el-rei D. Duarte, o celebrado autor de O Leal Conselheiro e do Livro de Ensinança de Bem Cavalgar toda a Cela, repositórios das boas regras das artes de antanho nesse capítulo da actividade.

A seguir, refere os exercícios que se devem ao engenho do nosso povo, tais como as cavalhadas, o jogo do pau, os torneios de estafermo, o mastro de cocanha, o baloiço e o vaivém ou arreburrinho, o carrocel, o jogo da bola ou laranjinha, antepassados de jogos da era moderna, de tessitura muito mais complicada.

Eduardo Moreira alude depois, em estudo necessariamente breve como as circunstâncias impunham, à história das várias fases da ginástica e dos homens que mais contribuíram para o seu desenvolvimento e vulgarização — Jahn, Pestalozzi, Ling, Amorós, Müller, Hébert e outros — até à actualidade. Dá relevo ao que, nas nações mais progressivas se estava, na altura, levando a efeito, nomeadamente nos Estados Unidos da América. E faz a sugestão — isto há mais de 50 anos! — de uma iniciativa que propõe às câmaras municipais do nosso país: — a criação de estádios, piscinas, escolas ao ar livre e de campos de recreio e jogos (Playgrounds) para adolescentes, para cuja concretização os municípios deviam contar com o patrocínio de várias instituições que se comprometessem em manter nesses recintos pessoal idóneo e preparado para os fazer funcionar dentro de bases técnicas, como convém. Isto há mais de 50 anos, repetimos!

Nada de novo debaixo do Sol. Como nos sentimos decepcionados quando pensamos nas mil e uma ideias, projectos e sugestões que na nossa terra se perdem, isto porque escasseiam as vontades, a iniciativa e a disposição de as tornar reais, enquanto grassa uma desenfreada ânsia de especulação e oportunismo.

Eduardo Moreira mostrou, nesses tempos já recuados, que era um homem moderno, no mais digno e exacto sentido da palavra. Um homem de ideias válidas e utilitárias, ideias que, da sua mente experimentada e enriquecida, continuam ainda hoje a brotar em profusão.

Que não as deixemos cair no ostracismo e morrer ingloriamente na esterilidade.

«Quando eu era escoteiro...»

Palavras de um antigo escoteiro — o presidente da Colômbia

Alfonso Lopez Michelsen, presidente da Colômbia, foi recentemente distinguido com a Medalha de Honra dos Escoteiros da Colômbia. Ao usar da palavra, durante a cerimónia da entrega daquela condecoração, o sr. Michelsen afirmou:

«Quando eu era escoteiro, aprendi duas lições que gostaria de vos recordar: a primeira foi a camaradagem e a solidariedade. Ninguém pode compreender, a menos que tenha tido o ensejo de viver lado a lado com camaradas, o que é este sentimento de solidariedade humana, de colaboração que faz com que o homem não se possa verdadeiramente realizar senão ao fazer parte de um grupo... A segunda experiência foi o amor da pátria. O escotismo permite que os jovens, desde a infância, conheçam o país, a língua dos ancestrais, a flora, a fauna, a música, as diversas regiões, assim como os povos que compõem uma nação una, apegada ao trabalho para assegurar o futuro. Nenhum dos objectivos que eu tinha na vida me poderiam atrair tanto neste momento: nem o desejo de ser rico, nem a sede de governar ou de me tornar célebre. Mas talvez que, algum dia, alguém possa dizer: «Este cidadão deu quatro anos da sua vida ao serviço dos camaradas e aprendeu a servir quando era escoteiro».

O XIX JAMBORI NO AR

Balanço da actuação dos Escoteiros e Guias Portugueses

Ao consultar os relatórios que as unidades escotistas portuguesas elaboraram, fica-se dominado por dois sentimentos diametralmente opostos: o de alegria pela participação, positiva a todos os títulos; e o de leve amargor, quando pensamos no que seria possível realizar, comparado com o que realmente se fez.

Para já, assinale-se um factor negativo: a fraquíssima intervenção nesta actividade que tiveram os grupos filiados na AEP. Comentários, para quê? Infelizmente, este facto não nos causou a mínima surpresa. Ao menos, fica-nos a certeza de que um nível mais baixo de participação será prova muito difícil de cometer.

Mas passemos a uma análise, necessariamente sucinta, dos relatórios que a Organização Nacional se dignou facultar-nos.

...Estava planeada a realização de uma autêntica maratona...

O Agrupamento 44, de Tomar, tinha planeado a construção de uma autêntica antena num ponto alto da bela cidade do Nabão. Afinal, o sonho não chegou a concretizar-se. Surgiram vários contratempos. Mas, mesmo assim, os rapazes do 44 tornearam as dificuldades e conseguiram improvisar uma outra antena, para o que tiveram a assistência técnica do Conselheiro Carlos Viana. Este distinto radioamador daquela cidade, em resposta a uma inquirição que lhe foi dirigida, afirmou que não é só em Portugal que apenas podem operar os titulares das estações, mas em toda a parte, embora se condescenda com a transmissão de pequenas mensagens por estranhos à estação. E concluí que o que *seria muito interessante era que os próprios escoteiros se licenciassem e tirassem a carta de radioamador.* Eis uma boa sugestão que os escoteiros não devem deixar cair em saco roto.

Extensa lista de contactos. Há, no entanto, que fugir à tentação de «maratonas» de transmissões. Os JOTA têm, como objectivo, contactar, confraternizar, estabelecer amizades. E nisto o relatório do 44, razoavelmente elaborado, é omisso.

Que os escoteiros tomarenses não desprezem este pormenor, que é fundamental. E não deixar esmorecer o entusiasmo que este JOTA despertou entre eles. E até para o ano...

Que este JOTA seja um elo de união entre os povos

Montar uma estação fixa na sede, era o projecto dos escoteiros do Agrupamento 96, do Lumiar, Lisboa. E foi preciso remover montanhas para que o projecto se tornasse numa realidade. Mas os rapazes do 66 conseguiram-no, embora tivessem de trabalhar e resolver problemas quase em cima da hora.

Com dois dos seus caminheiros, António Manuel e Carlos Maurício, com carta de operador amador, recentemente recebida, o 44 quis marcar presença neste JOTA, para o que formou o Clube Escotista de Radioamadores. E as ideias foram surgindo, nem sempre concretizadas a tempo. Pelo que os trabalhos se estenderam até à própria hora de começar o Jambori e muito do que estava planeado teve de ser posto de lado.

O relatório deste agrupamento, extremamente simples, oferece, no entanto, leitura agradável, com um historial bem contado dos preparativos levados a cabo. De sublinhar, o seguinte passo: *Notámos que a maioria dos países com quem contactámos faziam QSO's bastantes rápidos, com excepção do Canadá, com o qual pudemos trocar mensagens.* O espírito dos JOTA vai sendo compreendido...

De nítido carácter escotista, as mensagens transmitidas, de que destacamos o voto que aproveitámos para encimar estas linhas.

O Agrupamento 70, de Almada, participou, pela primeira vez, no JOTA e não se pode dizer que tenha feito má figura. Queixam-se os seus escoteiros da dificuldade que tiveram em encontrar um posto disponível, isto porque houve quem se desse ao trabalho de mobilizar os radioamadores da região, com intuitos preconcebidos, o que é muito de lastimar.

O relatório deste agrupamento tem apresentação cuidada, com magníficas ilustrações do dirigente Amaro João Pereira Barbosa (Jomar). Porém, o texto é pobre, deficiência a ter em atenção nas futuras actuações que esta unidade escotista com certeza vai ter.

Há que manter o espírito dos JOTAS

Lamentamos a sua semelhança com telegramas, perdendo, na maior parte das vezes, aquele verdadeiro carácter de mensagem escotista em pleno Jambori, lê-se, em certa altura, no relatório do Agrupamento 107, de Ponta Delgada, a respeito da falta de diálogo após os contactos com postos portugueses, todos preocupados com a obtenção do maior número possível, com vista ao concurso «Rádio JOTA 76». O mesmo reparo foi feito pelo titular do posto CT2BU, que, com muita propriedade, expôs a seguinte opinião: *Acho que a actividade tem muito interesse, mas não com a característica de contest que lhe deram. O espírito de intercâmbio a nível de Portugal foi bastante fraco, pois que a maioria andava à caça de contactos, limitando-se a transmitir o mínimo. Bem bom que ainda houvesse uma meia dúzia que manteve o espírito do JOTA.*

Infere-se daqui que o concurso este ano levado a cabo deve ser uma experiência a abandonar, porque põe em causa a verdadeira finalidade desta iniciativa.

Pois o relatório do 107 dá motivos de parabéns para os escoteiros que o prepararam. Merece realce a esplêndida capa a óleo da autoria do explorador Rui Filipe, que oferece a imagem maravilhosa da lagoa das Sete Cidades, a que os visitantes da ilha de S. Miguel não deixam de tecer os mais elevados encómios. Mas todas as ilustrações insertas neste relatório revelam traço firme e boa execução. Há artistas entre os escutas de Ponta Delgada.

Já o texto não foi tão bem conseguido, embora a leitura desperte interesse.

De notar: os escoteiros deste agrupamento montaram uma antena para funcionar durante o JOTA e estiveram a trabalhar em três estações.

Em suma: actividade muito positiva e digna de aplauso. Do relatório, diremos:

Jambori no Ar 76

Palavras flutuam
no espaço celeste,
não se vêem, mas sentem-se
no efeito do gesto,
que no espírito
traduz qualquer coisa
que no mundo,
que não é dor,
mas no mundo Escotista,
se sente,
se apalpa,
é Amor que no alto se cruza,
a Fraterna Unidade
do Escotismo quente,
que no fogo arde
para sempre.

ZÉ ESCUTA

(Do Relatório do 'OTA 76 do Agrupamento 290, Loulé)

melhorou a forma, mas o conteúdo ficou aquém do do ano passado. É preciso não esmorecer. Persistir sempre, porque continuam patentes os bons trunfos com que o 107 conta.

Perseverar!

Não escondemos que foi com uma certa expectativa que abrimos o relatório do Agrupamento 119, de Coruche, essa rapaziada que no último ano nos ofereceu os mais positivos aspectos do JOTA. Não escondemos, também, que as nossas perspectivas não se confirmaram. Não escondemos, ainda, que, apesar do que nos foi dado conhecer, não ficámos decepcionados: o 119 dá-nos a certeza de que outros momentos altos estão ao seu alcance, a questão é que a oportunidade apareça.

A diferença entre o JOTA do ano passado e o deste ano em Coruche foi esta: enquanto aquele foi esperado *com entusiasmo, com nervos, com esperança*, este ano ali a disposição era diferente: *Aproximava-se o terceiro fim-de-semana de Outubro e sentíamos o Jambori a vacilar perigosamente. As opiniões no agrupamento dividiram-se.*

Porquê tal estado de espírito? Simplesmente devido a um desaguisado com um dos radioamadores que tem colaborado com o agrupamento. O desencontro produziu os seus efeitos: empanou, em grande parte, o entusiasmo em que os rapazes de Coruche são férteis. Mas, felizmente, nem tudo se perdeu.

Havia no 119 duas posições distintas: uns queriam que o agrupamento suspendesse a participação no JOTA; outros, queriam mesmo participar. E foram estes que venceram porque o JOTA é uma oportunidade, que não se pode perder, de *trocar amizade com escoteiros doutros países.*

Foi decidido que as cinco estações que iam trabalhar no JOTA, fossem instaladas no edifício do Centro de Cultura Popular, no centro de Coruche, e não na sede do Agrupamento, como no ano passado. Foi o ensejo para o 119 provar a sua capacidade de mobilização: era preciso preparar aquelas instalações para o efeito. A RTP ia lá fazer uma reportagem e era necessário que tudo estivesse *à point*. Foi uma semana a trabalhar no duro, com escoteiros e a preciosa ajuda de aspirantes e dos lobitos. Limpar a sala; decorá-la com reproduções em tamanho gigante dos mais famosos desenhos alusivos, que hoje, transformados em cartazes, embelezam o «canto do radioamadorismo» do agrupamento; retirar da sala a aparelhagem de ginástica que ali existe; levar da sede tudo o que fosse aproveitável; colocar móveis necessários para o efeito, no que tiveram a colaboração da fábrica de móveis COMOLEX, que os emprestou, transportou e montou. Enfim, uma infinidade de grandes e pequenas coisas.

A montagem da antena foi outro problema que não resistiu à tenacidade dos escuteiros coruchenses. Contra reclamações da vizinhança, prontamente sanadas, Roberto, um autêntico escoteiro, subiu ao telhado e, indiferente ao perigo e em destemidas acrobacias, colocou nos ares a antena. E — como se diz no relatório — *Roberto era um daqueles que diziam que não devia de haver Jambori...*

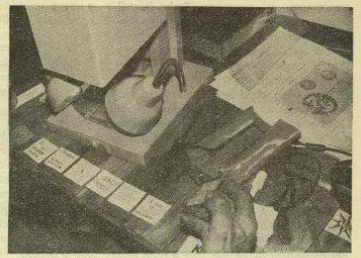
Foi preparado um *Guia do Visitante*, a distribuir às pessoas que visitassem o Centro, com esclarecimentos acerca do método e história do escotismo, do Jambori no Ar, de radioamadorismo. E no dia aprazado, tudo estava a postos, *depois do jantar de sexta-feira, fardados, esperando impacientemente por ouvir um dos aparelhos a funcionar.*

JOTA — Uma realidade!

E começou o 19.º JOTA. A princípio, grandes dificuldades, as frequências todas cheias. Mas, por fim, a primeira grande oportunidade de regozijo! *Brasil chamando. É escotista, é um escoteiro, e que escoteiro! Nada menos, nada mais, que o sr. Adolpho Bretz, coordenador do JOTA no Brasil, e o seu grupo 86.º David de Barros, velhos amigos. Felizes eles, felizes nós!...*

Depois foi a euforia da visita da RTP: as filmagens, os brindes, a alegria.

No sábado, à noite, enquanto o JOTA se desenrolava, jogava-se nas Antas um desafio internacional de futebol. Em determinada altura, um vizinho irado irrompe no salão. Mas, deixemos falar o relatório: *É mais um dos fanáticos do futebol, importunado pelos riscos no écran no seu receptor de TV cada vez que o Carlos Fernandes falava ao microfone. Era mais uma bronca, até a esse momento ninguém se tinha queixado, inclusive o nosso aparelho de TV acusava fraca interferência. O vizinho ameaçava fazer escândalo, chamar as autoridades. Porém, mais uma vez a compreensão e docilidade escotistas acabam por vencer. O senhor fanático-pelo-futebol acabou por ficar sentado numa cómoda poltrona a ver o jogo ali mesmo no Centro, mas, com Portugal a perder por 0-2, preferiu ficar a ouvir e olhar esbugalhado os aparelhos de rádio, fazendo perguntas e acabando por se entusiasmar. Uma semana depois, dois dos seus filhos pediram a sua admissão na alcateia...*



O momento fervorosamente esperado. Daqui a pouco será a chamada geral.

Outro ponto alto: no contacto com um posto da Noruega, à semelhança do que havia feito no ano passado com escoteiros da Sicília, trocaram as suas promessas escotistas via rádio. *Foi uma surpresa bastante agradável para o 2 de Fredrikstad* este tipo de promessa.

Em determinada altura, um escoteiro, sem autorização, disse ao microfone: *C. Q. Jambori C. Q. Jamboril* E quem responde do outro lado? — Gilwell Scout Training Park! Mal sabia aquele escoteiro quão maravilhoso contacto ia estabelecer. Depois, foi ainda contactado um posto instalado na celebérrima cidade de Mafeking.

A aquelá «Téu» Ramalho confeccionou cerca de 40 leanços de caminheiro em miniatura que foram utilizados como um misto de diploma e recordação para os grupos que enviaram ao 119 cartões de QSL.

Rescaldo do JOTA

Muitas considerações que se fazem no relatório deste agrupamento mereciam transcrição e ampla divulgação. No en-

XIX Jambori no Ar

tanto, queremos arquivar nestas colunas o seguinte passo: *Terminamos como quase toda a gente e como quase sempre. Terminamos com uma crítica. Mais que crítica, pretendemos, no entanto, fazer uma análise. A análise do panorama rádio-escotista português, que forçosamente se integra no panorama do escotismo português que ainda faz parte das actividades dos jovens de uma nação. Uma cadeia lógica que é um ciclo forçosamente vicioso. Um país pobre com um escotismo feito à sua imagem. «Cada escotismo tem o radioamadorismo que merece».*

É um facto que os países escandinavos possuem uma poderosa máquina radioescotista. Atesta-a a chuva de inovações no capítulo de KITS e a actividade electrónica insertas até nos grandes acampamentos. Tudo leva a crer que estes países já começaram a repensar Baden-Powell, criando e compreendendo o escotismo simples, moderno, aberto ao novo mundo da ciência e da técnica, acompanhando o Tempo na sua louca corrida das descobertas e pedagogias.

Somos um povo com fracas capacidades de compra. Até a nível interno, cada cidadão sente esse problema. A inflação tem o seu contributo no esvaziar dos bolsos dos portugueses.

Os grupos dependem, em quase todo o seu potencial, das quotas, dos bolsos de uns tantos dirigentes ou, raras vezes, dalgum subsídio. A legislação na matéria de aparelhos de rádio também não é fácil, os grupos não podem adquirir os aparelhos. Em consequência, de que vale a pena criar cursos para operadores-escoteiros, como fazem os nórdicos? E os organizadores regionais, para quê? Com tão poucos grupos a funcionarem, parece que como estão as coisas estão muito bem. Críticas à Organização Nacional? Não, parece-nos que fez o possível. Certos atrasos... coisas dos homens! Fez-se mais num fim-de-semana que ao longo de um ano escotista.

Antes de terminarmos este apontamento, queremos referir uma breve nota acerca das emissões de rádio-escotismo que o 119 está promovendo. Assim, todas as sextas-feiras, a partir das 22 horas, o 119 está *no ar*, nas seguintes frequências escotistas:

Banda	*kHz*
80 metros	3 740,
40 »	7.090
20 »	14.290
15 »	21.360

E ainda a última gota que aproveitamos deste manancial, a saborosa quadra escotista:

Num Jambori escoteiro
Não há raças, religiões,
Há um abraço fraterno
Entre todas as nações.

Exprimindo toda a alegria

Em S. Mamede de Infesta (Matosinhos) também houve JOTA. O Agrupamento 143 trabalhou naquele lugar e elaborou um relatório simples, limpo, bem ilustrado. Fala dos jovens, afinal a quem estas actividades são dedicadas, e dá conta do agrado que teve ao vê-los atentos nos pequenos compartimentos reservados ao Jambori, escutando, mandando mensagens, ou exprimindo toda a sua alegria, com canções, gritos ou quadras do ideal escotista que os une entre si cada vez mais.

Pequenas nótulas, comentando cada um dos contactos obtidos, lêem-se com agrado e são úteis.

Respigamos um curto poema, mas de interesse:

REFLECTINDO...

Há caminhos não
Andados
Que esperam por
Alguém.

Pela segunda vez presente no JOTA, o Agrupamento 159, de Portimão, vai tomando gosto por esta actividade. Assim, este ano foi necessário montar uma antena e montou-se mesmo. Grande entusiasmo com os contactos obtidos, em que foram estabelecidos laços de amizade e prometida a comparência no XX JOTA. Assim é valorizada esta iniciativa dos escoteiros de todo o mundo.

Gratas recordações

O Algarve é, entre as províncias portuguesas, uma daquelas em que o Escotismo foi mais florescente. Porque não fazer regressar esses faustosos dias? O Agrupamento 159, de Portimão, e o Agrupamento 290, de Loulé, podem ser duas das achas dessa grande fogueira que é preciso reacender.

O relatório dos escutas louletanos é curto, mas agradável de se ler. Há, no entanto, que se rectificar um dos seus passos: a Alemanha Federal, Paraguai, Áustria, Panamá, Curaçau e Chile são países escotistas, alguns mesmo com movimentos bem organizados e progressivos.

De referir, a forma como são saudados os contactos com os irmãos portugueses, de quem receberam o *calor da unidade, a alegria de estarmos juntos numa atmosfera distante, juntamente com irmãos escutas doutros países, onde todos se aqueciam na fogueira deste fogo de conselho no espaço.*

Foram gratas as recordações deste JOTA. Mas é necessário que essas recordações sejam activas e levem os bravos escoteiros algarvios a estarem presentes no XX JOTA. Valeu?

Registemos o belo poema com que encerra o relatório:

DESPEDIDA

Na hora do Adeus
Irmanados no mesmo ideal
Que o abraço dado ao alto
Seja a união com Deus
O abraço de despedida
Com Deus no meio
Cada um em sua estrela
Brilhando no firmamento
Dizendo a todo o mundo
Da solidariedade e do Ideal Escotista
Que todos sejam um
O firmamento
Até 1977.

ZÉ ESCUTA

Simplicidade

O Agrupamento 340, do Porto, apresenta um relatório simples mas carinhosamente elaborado. É a primeira vez que está num JOTA, pelo que é de esperar que, no futuro, os seus voos sejam mais altos. No final, lamenta que o escotismo só se lembre do radioamadorismo aquando dos JOTA. Aí está um programa que o agrupamento pode tomar em mãos. Veja-se o exemplo dos escoteiros coruchenses.

O Agrupamento 408, de Vila Nova de Gaia, faz um relatório conciso do que observou durante o JOTA no acampamento que os escoteiros do Porto realizaram por ocasião desta actividade mundial. Alguns apontamentos de certa valia, como documentos desta iniciativa.

Outro tanto sucedeu com o relatório do Agrupamento 449, da 9.ª Companhia de Guias e do 7.º Bando de Avezinhas (AGP), do Porto, que, em termos simples e despretensiosos, descreve a forma como aquelas unidades viveram o acontecimento.

E agora os «Navegadores»

Maus ventos fizeram dispersar a *esquadra* da Brigada Marítima D. Fuas Roupinho. Mas a distância não conseguiu destruir a união entre esses bravos marinheiros. E assim temos a Brigada transformada em agrupamento postal e a *navegar* com 4 *fragatas*: uma em Luanda, o *ancoradoiro* tradicional; outra no Porto; outra em Lisboa; e ainda uma outra em Queluz. E fizeram boa *pescaria*, reviveram belos momentos e revigoraram energias para enfrentarem com decisão qualquer *temporal* que se desencadeie. E o bom humor das *equipagens* mantém-se inalterável, com o que o *pessoal de terra* muito folga.

E é óptima a disposição de todo o *pessoal de bordo*, haja em vista o bom aco-

XIX Jambori no Ar

lhimento com que foi recebida esta mensagem dos rapazes de Coruche:

Considerando que:

— Baden-Powell deu toda a vida em prol do escotismo e da juventude de todo o mundo;

— o escuta é irmão de todos os outros escutas;

— a juventude de Portugal necessita de um amplo movimento escotista;

— que nunca o pensamento do nosso Fundador se inclinou para escotismos separados;

— que para as pessoas que sabem que a vida é algo mais do que os nossos olhos vêem;

— o Jambori no Ar é uma realidade;

O Agrupamento de Escoteiros de Coruche 119 decreta que:

1.º Só a união faz a força;

2.º Este Jambori no Ar deve ser aproveitado para o apelo à unidade e meio para se conseguir em Portugal a Federação dos Escoteiros Portugueses;

3.º Que a Amizade e a Fraternidade sejam uma constante entre os rapazes e raparigas de flor-de-lis ao peito.

Recolhidas as *redes*, vão os nossos amigos da D. Fuas ficar inactivos? Isso nunca. Eis o que dizem eles: *E agora? que fazer neste interregno de 365 dias que nos separa do segundo fim-de-semana de Outubro 77? Descansar na sombra? Esperar por Setembro daquele ano? Nós, não! Vamos começar já a preparar o 20.º Jambori no Ar.*

Quem sabe se, para o ano, já haverá um bom grupo de operadores amadores escotistas? Quem sabe?

O JOTA conquistou Braga

Na Cidade dos Arcebispos havia hesitação. Não se sabia se se havia de participar ou não. Postas as indecisões de lado, o Núcleo do CNE participou mesmo no JOTA pela primeira vez. E todos gostaram. Aconteceu até que um dos participantes quase chorou de emoção quando viu através da TV a rapaziada do Lumiar e de Odivelas a confraternizar!

Eis uma mensagem que os nossos camaradas bracarenses lançaram para o éter: *Esperamos que o Jota desperte em todos os irmãos escutas um sentido de fraternidade que leve os Homens a se unirem, contribuindo assim para a Paz Universal.*

E no próximo ano, Braga estará, com certeza, de novo no JOTA.

Escotismo só há um...

A Brigada Marítima de D. Fuas Roupinho, que teve um brilhante historial e escreveu famosas páginas dos Jamboris no Ar enquanto permaneceu em Luanda, está dispersa pelo mundo, como ovelhas que houvessem perdido o pastor. Circunstâncias adversas, de todos conhecidas, a isso obrigaram. Mas esses jovens de espírito jovem não se conformaram com o apartamento e prometeram que, ano após ano, se encontrariam, que mais não fosse, através do éter, durante o JOTA.

Para concretizar esse plano, um dos membros dessa equipa que se estabeleceu na Capital do Norte — o Daniel Augusto Barros Quintã — decidiu meter ombros à empresa. E toca de desbravar o caminho. É o relato desse empreendimento que consta de um relatório em que é exaustivamente descrita a participação da Região do Porto no último JOTA. Embora por vezes prolixo, a leitura desse relatório permite-nos entrever o que foi a perseverança, a tenacidade, a luta contra inércias e até contra desumanas incompreensões com que a equipa constituída pelo Quintã, por Manuel Pereira Baptista, ambos do CNE, e por António Barbosa, que seria substituído por Manuel da Silva Teixeira, da AEP, se teve de defrontar.

O projecto a levar avante era o de organizar um acampamento durante a realização do JOTA, em cujo local se montaria, para o efeito, uma estação. Nesse acampamento, integrar-se-iam os escoteiros e guias que não tivessem lugar nas residências dos radioamadores.

Além das duas associações escotistas, também participaria na actividade a Associação das Guias de Portugal. Nasceu logo o lema da actividade: *Escotismo só há um, de B.-P. e mais nenhum.*

E começaram as diligências: primeiro arranjar o local para o acampamento, o posto para aí ser montado, um operador para o posto. As dificuldades surgiam, mas isso não quebrava o ânimo desses escoteiros, pois a pouco e pouco as iam vencendo. Conseguiu-se o posto, a antena e, por fim, o radioamador sr. Artur José Oliveira e Silva também se dispôs a colaborar no empreendimento. E foi tal a dedicação que mostrou neste JOTA que foi considerado a figura n.º 1, pois, durante os dois dias, esteve mais de 34 horas ao microfone!

Como não era possível, nem conveniente, que se aglomerassem muitos escoteiros junto do emissor, haveria actividades destinadas a ocupar os tempos livres: projecção de filmes e de diapositivos, exposição de relatórios, palestras, etc.

E assim foi. O acampamento já tinha local: o Seminário do Paraíso, na Foz. Agora era necessário montar lá a antena e, depois, o emissor. Tudo se fez com a colaboração de radioamadores e escoteiros. Entretanto, tinham-se visitado várias unidades escotistas, com o fim de as mobilizar para a grande actividade, e entrevistado a organização dos radioamadores, com vista a obter a indispensável colaboração desses denodados idealistas. Assim, tudo foi feito a tempo e horas, sempre com a atenção naqueles imponderáveis que, quando não regularizados a tempo, podem deixar tudo a perder.

Organizou-se o serviço de recepção, montou-se um bufete e uma exposição de sobrescritos dos JOTA. As diversas unidades escotistas ofereceram cartazes alusivos para decorar as instalações onde o Jambori no Ar se realizava. E tudo foi feito a tempo. Nem as falhas, nem as intempéries conseguiram impedir que tal acontecesse.

O Jambori no Ar decorreu bem, visto que o óptimo é inimigo do bom Fizeram-se contactos com postos portugueses e estrangeiros. Confraternizou-se. O radioamador sr. Artur demonstrou sempre o seu *fair play*, trabalhando incansavelmente e desligando-se *totalmente do interesse do concurso, pois para ele o importante é que houvesse neste Jambori uma participação activa dos escoteiros e não uma caça ao ponto.*

A casa esteve sempre bastante composta com presenças escotistas e ocasiões houve em que se encontrava repleta. O posto dos correios vendeu 449 sobrescritos e 290 postais. Os visitantes distribuíram-se assim: do CNE: 244 elementos de 19 unidades e a Junta Regional; da AEP: 49 elementos de 7 unidades e a Direcção Regional; da AGP: 8 elementos de 2 unidades. Total: 301 presenças!

Era este o panorama de confraternização e unidade que o JOTA ofereceu e que havia de tornar pertinente a quadra que se tornara uma legenda para todos os presentes e por todos repetida:

Todos juntos e unidos
AGP, CNE e AEP
Todos somos escoteiros
Do grande chefe B.-P.

A participação da AEP

Em face dos relatórios que temos presentes, há que confessar que a participação da AEP desceu este ano nitidamente. O caso não é para admirar, o contrário é que sim, pois que, se se vendessem cabritos e não houvesse cabras...

Mas, adiante. O Grupo 7, de Lisboa, por assim dizer não fez relatório: desenhou apenas numa capa e juntou-lhes a lista de escoteiros presentes e a dos contactos, e pronto, mais nada.

O Grupo 24, do Funchal, teve, como originalidade, um relatório com os emblemas do JOTA nas capas, estas em forma de circunferência, uns apontamentos sobre diversos factos relacionados com o JOTA,

Continua na pág. 14



DOS AÇORES

Honrosa apreciação de um dirigente escotista americano a respeito de um dirigente português

Um dirigente escotista americano das Lajes abandonou recentemente a Ilha Terceira, resignando, por esse motivo, ao cargo escotista que ali desempenhava. Quando tal aconteceu, exprimiu ao nosso prezado companheiro EC Jacinto dos Reis Moniz Silva a sua gratidão pelo apoio que recebera deste nosso camarada açoriano. E fê-lo em termos tão elogiosos e tão dignificantes para o nosso compatriota que não nos permitimos perder este ensejo de os darmos a conhecer aos nossos leitores.

Diz o capitão da Força Aérea dos EUA Romeo P. Stockett Jr., ex-presidente da Comissão Patrocinadora da Alcateia de Lobitos (*Pack 1*):

Quero exprimir o sincero apreço dos pais e de todos os escoteiros da comunidade das Lajes pelo apoio e orientação dados por si.

V. ofereceu desinteressadamente o seu tempo e experiência para ajudar a tornar um êxito o Programa da Alcateia das Lajes. A sua dedicação no sentido de fazer o mundo melhor através do Escotismo encorajou muitos dos nossos dirigentes adultos a participarem no Programa.

Como convidado de honra e orador em muitos dos nossos programas escotistas, V. sempre soube acrescentar o garbo e a dignidade da sua devoção e experiência. Nunca na minha vida tive a honra de contactar com qualquer outra pessoa mais dedicada aos princípios do Escotismo.

São estas as expressões do dirigente americano que muito honram o nosso movimento e pelas quais felicitamos o nosso estimado companheiro Jacinto dos Reis Moniz Silva.

Só teremos alegrias se as repartirmos; a felicidade nasceu gémea.

LORDE BYRPN

Dirigentes do Norte em Conferência

Os dirigentes dos grupos da Região do Norte da A. E. P., reunidos em conferência no passado dia 1 de Dezembro, na Foz do Douro, desde as 9 1/2 às 18 1/2 horas, apenas com um intervalo para tomar uma refeição em comum nolocal da reunião, ocuparam-se de vários assuntos de interesse regional e, no final, aprovaram por unanimidade a seguinte moção:

1.º — Manifestar ao presidente da Associação a sua estranheza pelo facto de até ao presente não ter sido dada a conhecer a escolha dos membros da Direcção Nacional, nos termos do § 2.º do art. 16.º dos Estatutos em vigor, apesar da eleição do presidente ter tido lugar em 3 de Julho;

2.º — Apresentar o seu protesto pela pretensão de impor uma nova Lei e uma nova fórmula de Compromisso absolutamente inadaptáveis ao meio da Região do Norte e não de acordo com os princípios publicados pela Secretaria Mundial, nem com o Scouting de Baden-Powell que integra o art. 1.º dos Estatutos em vigor;

3.º — Proclamar que os escoteiros da Região do Norte se mantêm fiéis à Lei e ao Compromisso que adoptaram e tomaram ao entrar para a Associação;

4.º — Rejeitar quaisquer normas que pretendam ser regulamentares, mas que contrariem os Estatutos em vigor e que possam levar a interpretações erróneas dos princípios do Escotismo.

XIX JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 13

fotografias e recortes de jornais, cartões de QSL e lista de presenças.

O novo Grupo 53, de Real (Braga), participou, pela primeira vez, num JOTA. É natural, portanto, que nem tudo tenha marchado bem. Para o ano será melhor, certamente. Várias contrariedades: condições meteorológicas péssimas; o posto afastado da localidade e com falta de transportes; fotografias inutilizadas pela água, etc. No entanto, o facto de, apesar disto tudo, terem participado, já de si é uma vitória. Para o ano saberão tirar as lições da experiência.

O Grupo 79, de Lisboa, também esteve presente no JOTA. O relatório, simples, tem alguns apontamentos de interesse.

Finalmente, o Grupo 93, de Sintra, deixou-nos um tanto decepcionados, visto tratar-se de uma unidade de que se espera sempre mais e conta hoje com um bom conjunto de dirigentes. Pois os escoteiros sintrenses conseguiram pôr a funcionar um posto no Palácio da Pena. É alguma coisa, mas pouco, evidentemente. Aguardaremos o ano que vem, já com os seus dirigentes mais rotinados nas suas funções.

E, pronto, eis a súmula do que foi o XIX JOTA entre os grupos portugueses. Trata-se de uma actividade bem radicada nos nossos movimentos escotistas, mas que ainda parece não contar com um apoio decidido dos dirigentes superiores. Alguma vez isso virá a acontecer? Façamos votos de que sim, para que as boas vontades que o empreendimento continua a reunir não acabem por estiolar.

A Secretaria Mundial do Escotismo aprecia o trabalho da Organização Nacional e dos Escoteiros Portugueses

O Director da Administração da Secretaria Mundial do Escotismo, o sr. L. F. Jarrett, cuja admiração pela actuação dos escoteiros portugueses nos JOTA nos enche de satisfação e gratidão, já expressou o seu agrado pelo relatório da Organização Nacional sobre o 19.º JOTA. Em carta, dirigida ao EC Justino Estêvão da Silva, organizador nacional, L. F. Jarrett afirma:

«*Agradeço a sua carta de 20 de Dezembro de 1976 e o relatório sobre o 19.º JOTA. O dossier já tinha chegado e, como habitualmente, li-o com muito interesse. Agora que foi completado com o relatório, cumpre-me mais uma vez apresentar sinceros parabéns, a si e à sua equipa, pela maravilhosa organização com que têm sabido rodear o JOTA em Portugal*».

Eis um testemunho da forma como é apreciado o trabalho do Organizador Nacional e dos escoteiros portugueses. Eis a prova do que pode o nosso movimento conseguir, se se lhe dedicar a atenção que merece, se se lhe der a organização de que precisa, se as suas actividades forem planeadas e levadas a bom fim com ordem, método e disciplina.

«Escotismo e Religião»

Sob este tema o EC Meira Ramos proferiu palestra em Barcelos

Na sede da Junta do Núcleo de Barcelos, do CNE, foi proferida, no dia 7 de Dezembro findo, uma palestra sob o tema «Escotismo e Religião» pelo EC IM Dr. Fernando de Meira Ramos, natural daquela cidade minhota, actualmente advogado no Porto, onde desempenha também o cargo de director da Formação e Treino da Região do Norte da AEP, após ter deixado o lugar de chefe regional do CNE.

O conferencista começou por afirmar que o escotismo é um método de educação integral e activa, depois do que referiu que «se não fosse a longa experiência vivida pelo escotismo em todos os continentes e por gentes de todas as raças e crenças, teríamos, para garantir a eficiência educadora e de formação de jovens dos métodos de Baden-Powell, as reflexões e estudos de psicólogos e sociólogos». Citou, além de Baden-Powell, Elwess, Émile Planchard, Jean Chateau, J. Guerin-Dejardins, Georges Tisserand, Gesualdo Nosengo, J. Dewey, Ferrière e Lamberto Borghi.

A respeito da educação física dos escoteiros, começou por apontar as normas de higiene e os hábitos saudáveis como lado negativo a completar pelo lado positivo de uma educação física essencialmente natural, onde o principal papel é desempenhado pelos jogos e a vida ao ar livre.

A educação dos sentidos, sobre que Tisserand disse que «talvez não exista, aparte o escotismo, outro método educativo suficientemente sensível a este problema», foi apreciada em seguida, assim como as técnicas de observação e de atenção, salientando o pensamento de Tisserand quando disse que «a observação é capital no escotismo porque o é na vida de qualquer homem», e apontando o interesse destas técnicas para o desenvolvimento e a formação intelectual dos rapazes, tendo fornecido inúmeros exemplos de utilidade prática dessa educação.

Frisando não ter dito tudo quando se poderia dizer sobre esta escola de educação integral e activa, concluiu que o escotismo não é uma obra de qualquer religião ou igreja, mas é óbvio que, no âmbito da educação escotista, a religião tem primordial importância, citando B.-P. quando diz: «Uma organização como a nossa faltaria à sua finalidade se não incutisse nos seus associados a prática da religião».

Depois de afirmar que a vida do escoteiro é sempre, de maneira mais ou menos consciente, uma contínua conversação com Deus, uma contínua e apaixonada procura do Infinito, concluiu por asseverar que são estes os motivos por que é absolutamente inconcebível uma forma de escotismo à qual faltasse a religião ou em que Deus só fosse admitido a título facultativo.

Não...

Não...
Não se ama um amigo
com forçada razão.
Sê amigo e tenta
dever-lhe sempre a mão,
e a alegria que tens contigo,
servindo de guião,
pode dar mais energia
do que desenvolve esse «não...»

Joaquim Tavares de Oliveira

Cumprimentos de «Boas-Festas»

Tiveram a gentileza de endereçar o seu cartão de *Boas-Festas* a «Sempre Pronto» os seguintes nossos estimados leitores e amigos:

Srs. Amaro João Pereira Barbosa, Armando Jaime Soares e Esposa, Carlos José Trigo, Justino Estêvão da Silva e Mário Fernandes, todos de Lisboa e arredores; António Luís Guerreiro, José Luís Pinto Machado, Manuel da Silva Teixeira, do Porto; José Viana Alves Martins, de Viana do Castelo; José Manuel Moniz Robinson e José Dinis Camacho, do Funchal; professor Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo; D. Loreto e Enrique Genovés, de Madrid; Victorino Villamil, de Bagé; Kaol Sugimoto, de São Paulo; Roberto de Lima Vidal, de Batatais; Chefe Constantino Attanázio e Grupo Escoteiros do Mar «Almirante Adalberto Nunes», de Brasília, todos do Brasil; Agrupamento 391 do CNE, do Porto; Grupos de Escoteiros de Portugal n.os 4, Porto; 26, Póvoa de Varzim; 17, Porto; 24, do Funchal; 46, de Moimenta da Beira; 48, da Damaia; 49, de Lamego.

Também o nosso dedicado amigo e antigo escoteiro sr. António Francisco Xavier de Brito nos visitou com a mesma intenção.

A todos apresentamos, com os nossos agradecimentos, iguais votos, desejando-lhes um Ano Novo muito feliz e próspero.

Principais acontecimentos escotistas mundiais em 1977

Abril, 2 a 8 — 1.º Jambori de Toda a África, em Jos, Nigéria;

12 a 14 — 3.ª Conferência Africana, em Lagos, Nigéria;

15 a 22 — 9.ª Conferência Europeia, em Killarny, Irlanda;

Julho, 18 a 23 — 26.º Conferência Mundial, em Montreal, Canadá;

Agosto, 1 a 10 — «Eurofolk-77», em Éfeso, Turquia;

5 a 13 — 2.º Jambori da Ásia-Pacífico, Neishabour, no Irão;

5 a 14 — 6.º Jambori das Antilhas, em Kingston, na Jamaica.

(De *Word Scouting Newsletter*)

Escotismo no Brasil

A União dos Escoteiros do Brasil tem novo Escoteiro-Chefe

Com carácter provisório, foi nomeado Escoteiro-Chefe da UEB o EC Rubem Suffert, cargo que ocupará até ao próximo Conselho Nacional, que se realizará em Abril.

Esta nomeação resulta da vaga deixada pelo EC Coronel Yvanildo de Figueiredo, obrigado, por motivos de saúde e de ter mudado a residência para o Recife, a abandonar aquele lugar. Porém, mercê da sua grande dedicação ao movimento, mantém-se a hipótese de, no decurso deste ano, voltar a sobraçar o cargo que acaba de deixar, isto apesar de ter sido investido no lugar de Comissário Nacional de Programas, onde terá oportunidade de prosseguir com os projectos e estudos que tem realizado.

O XIX Jambori no Ar

Calcula-se que tenham tomado parte no último JOTA cerca de 12 000 escoteiros brasileiros. Na Região de S. Paulo mais de 40 grupos participaram naquela actividade mundial dos escoteiros.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Um curioso jogo do Grupo 6, de Olhão

O chefe do grupo convidou as suas quatro patrulhas para um passeio com itinerário desconhecido. Deveriam partir, uma de cada vez, de meia em meia hora, de determinado local e por determinada ordem previamente sorteada, devendo dirigir-se à entrada do Mato Joinal, onde seriam encontradas instruções sobre o percurso a seguir.

Naquele local estava, realmente, junto ao terreno e preso a um pinheiro, um pequeno cartão dizendo: *Sigam 400 passos direcção ONO.* Após este cartão mais sete se seguiam, indicando direcções sempre diferentes, num percurso aproximado de 4000 metros. No final, havia uma pista de mais de 1 km que conduzia à entrada de um pequeno bosque de pinheiros mansos. Aí encontrava-se uma mensagem escondida, ordenando que olhassem na direcção sul. Lá ao longe, o chefe transmitiu às patrulhas, à medida que iam chegando, a seguinte mensagem por homógrafo: *Venham aqui imediatamente, armem abrigos porque temporal aproxima-se de sudoeste.*

Logo que chegavam junto do chefe, as patrulhas iam improvisando, com panos de tenda, barracas devidamente orientadas, a fim de resistirem ao temporal anunciado.

(...) Foi dada ordem de desarmar as tendas e preparar para a continuação do passeio. Mal se deixou o local, foi preciso passar um ribeiro e cada patrulha teve que lançar uma ponte feita com duas cordas somente.

A certa altura (...) o chefe informou aquela patrulha de que ele estava à beira dum poço onde caíra há pouco o rapazito que se encontrava desmaiado lá em baixo. Imediatamente foi feita uma *cadeira de salvação* e arriado nela o escoteiro que mais bem sabia nadar. Lá em baixo, desembaraçou-se da *cadeira* e colocou nela o afogado, que foi imediatamente içado e submetido aos movimentos de respiração artificial.

(...) Durante o caminho, tiveram de prestar socorros num caso de fractura de tíbia, transportando também o sinistrado por determinado percurso em maca improvisada; socorreram um homem com parte de uma perna decepada por um comboio e trouxeram uma criança para fora de uma casa a arder.

Pouco depois, o chefe indicou uma árvore no cimo da qual estava um *tesouro* destinado a ser repartido por todos aqueles que lá chegassem, subindo por uma corda. O *tesouro* compunha-se de vários pacotes de bolachas.

Todo o exercício decorreu com muito entusiasmo, afinco e lealdade.

DIZER BEM PARA PENSAR MELHOR

ATÉ À SACIEDADE

Já expliquei isso até à saciedade, é expressão de certo modo vulgar, mas que, vulgarmente também, é estropeada por certas pessoas, ao dizerem: *até à sociedade.*

Não se trata aqui de algo relacionado com *reunião de pessoas, agrupamento de seres humanos, parceria, companhia,* que são alguns dos significados do termo *sociedade.* Diz-se, sim, *saciedade (até à saciedade,* ou simplesmente *à saciedade)* quando se deseja deixar bem assente que, ao afirmar-se determinado facto ou opinião, se usou de tal número de argumentos ou exemplos que não é aceitável a persistência de qualquer dúvida, que o interlocutor ficou plenamente satisfeito, saciado. Atingiu-se a saciedade, eliminou-se toda e qualquer carência ou dúvida.

Julgamos ter explicado o uso desta expressão *até à saciedade*...

TEM O DEVER DE

F. prometeu que fazia tal coisa, portanto agora tem o direito de o cumprir. É este um género de frase muito comum, no entanto, errónea, como vamos demonstrar.

Ter o direito de é sinónimo de *ter a faculdade, o privilégio, a autoridade de.* É, por isso, um poder que se tem ou se adquire sobre qualquer coisa ou pessoa ou para fazer determinada coisa. Não é um dever, nem obrigação. É uma faculdade que se pode exercer, ou não, consoante a própria vontade da pessoa que detém esse direito.

Ora, o acto de prometer não produz a faculdade de cumprir, mas, sim, a obrigação, o dever de satisfazer. Lá diz o nosso povo: *quem promete deve.* Por conseguinte, nunca dizer que *F. prometeu, agora tem o direito de,* mas, sim, *O DEVER de cumprir.*

Temos o direito de pensar que, depois destas explicações, todos *têm o dever de* se exprimir correctamente em frases deste tipo.

EXPERTO

O nosso prezado amigo EC Albano da Silva, cujo interesse e carinho por *Sempre Pronto* nunca saberemos devidamente agradecer, envia-nos uma nótula acerca do apontamento, publicado na nossa anterior edição, sobre *expert,* termo francês, agora muito usado em lugar de *perito, entendido* e outros sinónimos. Chama-nos este nosso amigo a atenção para o vocábulo *experto* que o *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa,* de Augusto Moreno, regista com os significados de *indivíduo sabedor, perito, experimentado,* o que acontece também com o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* de Corrêa de Lacerda, que dá, como equivalentes, as expressões *mui versado, experimentado, experiente, hábil por prática, perito, prático.*

Efectivamente os dicionários da nossa Língua, que na sua preparação são influenciados por outros já publicados, contemplam este termo, que recebemos do Latim *expertus,* donde provém igualmente outro vocábulo, parónimo, muito bem conhecido: *esperto.*

No nosso apontamento, necessariamente breve, não pretendemos esgotar o registo dos termos correspondentes a *expert* na nossa língua. *Experto* é, de facto, termo genuinamente português, embora pouco frequente no emprego. Ainda a outras expressões (*entendido, habilitado,* etc.) se pode recorrer para a tradução de *expert.* Visto que são numerosas as palavras e expressões portuguesas que permitem uma cabal versão do significado do termo francês, não é aceitável o emprego da palavra estrangeira, ainda que entre aspas, e muito menos dessoutra recentemente «descoberta» que é o *expertizador,* inexistente no nosso léxico.

Agradecemos a útil observação do nosso estimado e atento leitor, que proporcionou este esclarecimento.

Boa acção dos escoteiros da Sertã

Os escoteiros da formosa vila beiroa da Sertã estão levando a cabo um trabalho que tem merecido o aplauso da população sertaginense: a limpeza das ruas da povoação.

São numerosos os donativos recebidos que têm sido entregues aos escoteiros para os auxiliar na missão a que se propuseram.



O Grupo N.º 48 (Damaia) levou a efeito a Festa do Natal

Este activo grupo dos arredores de Lisboa teve, no dia 19 de Dezembro último, a sua Festa de Natal, realizada no ginásio da Escola Preparatória de Ferreira de Castro, naquela localidade.

A agradável reunião começou com um acto de variedades, em que foram entoadas canções escotistas, seguida da representação de um número teatral. Esta parte foi encerrada com a passagem de um filme cedido pela Embaixada do Canadá.

Depois houve um número que interessou muito os presentes, em especial as crianças: a distribuição de prendas aos mais novos e aos escoteiros presentes, lembranças oferecidas àquele agrupamento por diversas firmas comerciais e industriais, que assim quiseram manifestar o seu apreço pelo escotismo.

O último número do programa consistiu numa merenda servida a todos os presentes, após o que foi anunciada a classificação do Torneio de Natal de Minigolfe, disputado no dia 11 e na véspera no campo do Algés, que gentilmente foi colocado à disposição deste grupo.

Esteve presente o Agrupamento 62, de Setúbal, do CNE, e alguns escoteiros do Grupo 8, de Lisboa (AEP), tendo-se notado a ausência da Região do Centro e do representante dos Serviços Centrais.

Imprensa escotista

PATA-TENRA

O Grupo n.º 9, de Lisboa, está a publicar um boletim, tirado ao duplicador, denominado *Pata-Tenra*.

Trata-se de uma publicação bimensal. Em especial o n.º 2, contém colaboração com interesse e variada e desenhos bem executados.

Parabéns aos escoteiros do 9 e os votos de que não deixem esmorecer o entusiasmo, como quase sempre acontece com as iniciativas deste género.

Administração

Cobrança de assinaturas

É muito agradável verificar que muitos dos nossos assinantes procuram colaborar com a Administração e nos estão remetendo o valor das suas assinaturas. Destacamos entre estes os seguintes patrocinadores: srs. Dr. António Augusto da Silva e Cunha; António Luís Guerreiro, José Eduardo Pena Ribeiro; Eng.º Raul Moreira Pedrosa, Joaquim de Sousa Piscarreta, José Luís Pinto Machado, professor António Álvaro Dória, Rev. P. Américo Ferreira Alves, Fernando Gomes Carrão e Grupo 48 da Damaia. E ainda os seguintes assinantes: Grupo 49 de Lamego; Grupo 16, Carcavelos; Libertário Sousa, D. Virgínia Quintino, José Manuel Bondoso Nunes, Armando Jaime Soares, Junta Regional do CNE, de Braga, Vítor Touriscas, Entroncamento, e João Nascimento Almeida, de Lisboa.

Os Grupos n.ºs 6, de Olhão; 52, de Angra do Heroísmo e 93, de Sintra, não só se encarregam da venda avulsa do jornal como se incumbem da cobrança de recibos.

A todos estes amigos apresentamos o nosso muito agradecimento pela tão útil colaboração que nos prestam.

Imprensa Escotista do Brasil

«O GUIA»

Tínhamos deixado de receber, há mais de um ano, este apreciado jornal escotista da Imprensa brasileira — *O Guia* — órgão do Grupo de Escoteiros n.º 86 «David de Barros», do Rio de Janeiro.

Pois temos uma boa notícia a fornecer aos nossos leitores: *O Guia* voltou ao nosso convívio e não perdeu nada da vitalidade de que sempre deu provas. Pelo contrário. Este simpático jornal está cada vez mais combativo e remoçado e com um esplêndido aspecto gráfico e uma colaboração deveras atraente e cheia de interesse.

Aproveitamos esta oportunidade para dar um parabém muito sincero ao seu escol de colaboradores, que têm no seu director, Delfim dos Santos Pinho, e redactor-chefe, Adolpho J. Bretz, dois dedicadíssimos escoteiros, que são uma garantia da qualidade dos trabalhos que este órgão de imprensa vai inserir nas suas páginas.

Folgamos imenso com o reaparecimento de *O Guia*, ao qual desejamos vida prolongada e contínuos êxitos, assim como a todos os seus colaboradores.

Insígnias de Explorador Árctico

O Conselho dos Territórios do Noroeste do Canadá criou uma série especial de insígnias sobre actividades das regiões árcticas, apropriadas à vida quotidiana e cultural dos rapazes. Exemplos: «Escultor», «Condutor de trenós», «Caçador», «Construtor de iglous», «Construtor de caiaques», «Curtidor», «Costureiro de peles» e «Condutor de veículos da neve».

«O Escotismo no futuro» — é o tema da 26.ª Conferência Internacional Escotista

Na sua reunião anual em Genebra, o Conselho Mundial do Escotismo escolheu «O Escotismo no Futuro» para tema da Conferência Internacional que este ano se realiza em Montreal, no Canadá, de 18 a 23 de Julho.

Presidido por Irving J. Feist, o Conselho consagrou-se durante dois dias a estudar e a trabalhar sobre os relatórios dos diferentes grupos de trabalho e de numerosos documentos acerca da preparação da Conferência.

365 noites de acampamento num ano!

Dois rapazes ingleses, Richard Markham, de 13 anos, e Graeme Hurry, de 15, ganharam o concurso, promovido pela revista inglesa *Scouting*, «Acampar o maior número possível de noites em 1975».

Pois estes dois escoteiros passaram 365 noites sob uma tenda! Outros dois candidatos estiveram quase a alcançar o mesmo resultado, mas uma doença obrigou-os a estarem algumas noites em casa.

A Junta Regional do Porto, do CNE, comemorou o «Dia do Escuta»

Por iniciativa da Junta Regional do Porto, do CNE, os lobitos e os escoteiros da cidade do Porto comemoram, no dia 7 de Novembro p. p., o «Dia do Escuta».

O programa, bem elaborado, dedicou números que eram constituídos por actividades relacionadas com a prática de desenho, de descoberta da natureza e jogos no Palácio de Cristal.

Aos escoteiros estava reservado o «Grande Jogo», que consistia na limpeza das paredes da Baixa portuense e das passagens subterrâneas de S. Bento.

Nas arcadas do Banco Português do Atlântico, foi montada uma exposição escotista que o público visitou com visível interesse.

Outro número do programa decorreu na Praça Guilherme Gomes Fernandes, onde, depois de alocução sobre a vida deste denodado bombeiro, foi explicado aos escoteiros o funcionamento de um pronto-socorro dos bombeiros.

Prof. Leopoldino da Rocha Tavares

Foi eleito presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, o nosso prezado amigo e dedicado escoteiro, há longos anos escoteiro-chefe ajudante do Grupo n.º 52, daquela cidade, professor Leopoldino da Rocha Tavares.

Aproveitamos a oportunidade para o felicitar pela prova de confiança que lhe foi testemunhada e para lhe desejar os maiores êxitos na missão de que foi investido.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Doentes

Encontra-se bastante doente o nosso estimado amigo sr. António João Inácio, antigo colaborador do serviço de Cobrança do nosso jornal.

★

Também se encontra muito doente o sr. Coronel Joaquim Duarte Borrego, velho e dedicado escoteiro e nosso prezado assinante.

Fazemos votos de rápidas e completas melhoras para ambos.



MADAGÁSCAR

Em consequência de um seminário de desenvolvimento comunitário organizado pela Secretaria Mundial do Escotismo, o escotismo malgaxe está gerindo actualmente três centros de desenvolvimento rural. O centro de Ambony Tohelina, situado a 19 km de Tananarive, assegura a formação para a plantação de legumes, de árvores frutíferas e a criação de galinhas e porcos. Dispõe ainda de um espaço para passatempos. O centro agrícola de Kiady dedica-se em especial à criação de porcos, galinhas, patos, pombos e coelhos, além da cultura de árvores frutíferas. Outros centros, organizados segundo este modelo, estão em projecto. O terceiro centro, Isoavina, é ao mesmo tempo um centro de formação escotista e de formação especializada na criação de animais.

SUÍÇA

2000 escoteiros e guias de Genebra empregaram um fim-de-semana para fazer conhecer ao público o que é o escotismo. No sábado, cada grupo organizou demonstrações e mesas-redondas nas vizinhanças. No domingo, reuniram-se num grande parque do centro da cidade, onde, em mais de vinte pontos de actuação e em dois estrados, mostraram a grande variedade das actividades dos escoteiros e falaram das pequenas formas de artesanato, da construção de canoas em fibra de vidro e de balões de ar quente. Uma excelente brochura, intitulada «*Quem somos nós? Que fazemos nós?*» foi distribuída pelos milhares de visitantes.

O Inquérito de «Sempre Pronto»

Continuação da pág. 4

pamentos. O escotismo é mais qualquer coisa. É um valor real, positivo, concreto, e há que mostrar e afirmar aos governantes que já tardam as infra-estruturas; e há necessidade de mais estreita colaboração entre as Associações-irmãs, Guias, AEP e CNE. Uma imprensa especializada, tem papel de relevo num movimento como o nosso. Sempre Pronto *e* Flor de Lis *são migalhas para minorar a fome do jovem que deseja valorizar-se no escotismo, e do chefe que pretende enriquecer os seus conhecimentos, mas, sem essas migalhas, a «morte» será fatal.*

ALTO VOLTA

Um acampamento, em que participaram os escoteiros e dirigentes deste país e da Costa do Marfim, realizou-se perto de Pava, uma vila situada a 360 km de Uagadugu, capital do Alto Volta. Importante projecto era o de povoamento florestal do local do acampamento e da região circundante. Daqui a dois anos, o local vai tornar-se num campo de escotismo e numa base para o desenvolvimento do movimento escotista rural daquela região.

GRÃ-BRETANHA

Um rapaz, membro do 2.º grupo de Uddingston, teve de se sujeitar a uma difícil intervenção cirúrgica, de que lhe resultou dificuldade em falar. Os médicos foram de opinião que um gravador de *cassettes* poderia ajudá-lo a melhorar a fala. Os escoteiros do seu grupo organizaram então uma marcha de 55 km para obter o dinheiro suficiente para um desses aparelhos. Num frio fim-de-semana de Inverno, levaram a cabo essa marcha, durante a qual conseguiram arranjar as 70 libras necessárias.

PERU

Centenas de escoteiros peruanos deram colaboração à Campanha de Educação e Circulação organizada pela Associação Peruana das Companhias de Seguros. Com essa finalidade, fizeram demonstrações de segurança rodoviária e distribuíram milhares de impressos.

TAITI

Os escoteiros foram escolhidos para dirigir uma campanha do Ministério da Saúde contra a dengue, febre trazida por mosquitos que estão invadindo aquela ilha. Os escoteiros montaram centenas de armadilhas na capital, Papeete, e nos arredores.

LUXEMBURGO

Durante um fim-de-semana prolongado, 250 «caravelas» e «pioneiros» (raparigas e rapazes de 14 a 17 anos) prepararam uma área para jogos, de 1,5 hectare, para o Instituto de S. José de Betzdorf. Graças à ajuda financeira do Governo, puderam projectar e construir numerosos conjuntos de jogos para os 350 diminuídos mentais daquele instituto, o mais importante do país.

OMÃ

Para prestar serviço ao país e tomar conhecimento do seu sistema sanitário, 500 escoteiros de Omã participaram no «Dia dos Hospitais». Os escoteiros deram presentes aos internados nos hospitais, ajudaram a limpar as instalações e organizaram um estudo sobre higiene na cidade.

E QUE DIZEIS VÓS?

Continuação da pág. 1

se a algum auto-de-fé sujeitaram a sua obra inigualável. Havia decerto a pretensão de desfigurar, não sabemos com que objectivos, a imagem do Épico e de destruir o património que nos legou. Tudo em vão. A enorme estatura resistiu incólume às investidas, visto que estava muito acima das cavilosas maquinações que, cá em baixo, tramavam esses vermes que queriam, à viva força, apeá-la do pedestal a que, por direito próprio, subira. E assim se frustrou a tramóia. Ao pretenderem minimizar o que tem realmente enormes dimensões, essoutros deram a conhecer a obscuridade do seu espírito, os equívocos em que se debatem, a pequenez das suas proporções, a mesquinhez e inferioridade dos propósitos que almejavam.

Conta a Escritura que Jesus, ainda criança, voltara a Jerusalém, e, entrando um dia no Templo, prendeu a atenção dos doutores, os quais se admiraram com a inteligência e as respostas do adolescente. Decerto que, nas palavras dessa criança, os rabis pressentiam, ainda que não a abrangessem na totalidade, a revelação divina que era oferecida ao mundo para o iluminar através das gerações. Jesus, ao responder ao que Lhe propunham, certamente que entremostrara algo da missão para que vinha investido e da personalidade que Ele realmente possuía.

Destas considerações se deduz que é grande a responsabilidade que assumimos quando ditamos o nosso juízo sobre o próximo, sobre as suas obras, sobre os propósitos que cremos os agitarem. Aquele *«e vós, quem dizeis que Eu sou?»* pode muito bem corresponder a um *«e vós, que dizeis de vós próprios?»*. As nossas crenças, as nossas opiniões, os objectivos que perseguimos, as opções que fazemos, os caminhos que tomamos, são meios que estamos constantemente a utilizar para involuntariamente nos definirmos, para nos revelarmos, para afirmarmos aquilo que verdadeiramente somos. É tanto uma acusação como uma defesa a que nos sujeitamos. Que enorme responsabilidade envolvem assim as nossas escolhas, os nossos critérios, os gostos que demonstramos, as apreciações que formulamos!

Finalizamos com algumas perguntas: que é que temos a dizer sobre o que se passa no mundo, na nossa terra? Que é que pensamos dos que nos rodeiam? Quais são os nossos amigos e quem são os que rejeitámos? Respondamos sem hesitação, lembrando-nos, contudo, de que, ao fazê-lo, ao ditarmos o nosso juízo sobre outrem, é a nossa própria sentença que estamos a lavrar. Atenção, por conseguinte, aos nossos lábios e corações, a fim de que não nos tornemos réus das nossas próprias palavras.

Os antigos escoteiros do histórico Grupo 53, de Lisboa,

tiveram uma reunião de confraternização

«O 53»

No dia 1 de Dezembro último, em que se comemora o dia glorioso em que Portugal reafirma a sua independência, «os rapazes de «o 53» reuniram-se na Costa da Caparica, num almoço de confraternização. Eram umas duas dezenas, muitos deles já avôs.

Lembrou-se ali o grupo inaugurado, naquele mesmo dia, no ano de 1931 — quase meio século. Durante a sua existência teve momentos de grande e valoroso trabalho entre os moços de então. No 53 compreendia-se o escotismo no seu objectivo — a construção da personalidade, do carácter, a formação do Homem completo em contacto com a Natureza e em espírito com Deus.

Os rapazes de outrora são hoje já homens formados. E todos estavam gratos pelo que ali haviam aprendido, pelo muito em que tinham sido ajudados. E lamentava-se que «o 53» tivesse cessado. E quando, entusiasmados, se pensava quanto seria útil recomeçar de novo, recebe-se a notícia de que o seu nome, «o 53», tinha sido dado a outro grupo, visto que os «senhores de cima» tinham-no considerado simplesmente morto para sempre, impenitente, sem absolvição.

Protestou-se prementemente contra tal. E decidiram ouvir fazer as suas vozes, animadas pelo desejo de que o Grupo ressuscitasse. E alegres com esta ideia, abraçando-se como irmãos escoteiros se despediram, esperando melhores dias para o velho 53.

Palavras de fé que devem ser escutadas.

Dr. Leopoldo de Figueiredo

Depois da encruzilhada

Continuação da pág. 1

está determinada a intensificar o seu apoio ao Escotismo, movimento que introduziu em Portugal. O apoio a «Sempre Pronto» enquadra-se perfeitamente nas iniciativas em curso.

Foi o momento dos responsáveis do jornal assumirem outra atitude, talvez a de maior relevância para a vida de «Sempre Pronto». Se a Aliança Nacional dispõe de elementos humanos que possam garantir a continuidade desta publicação, cuja existência está sempre comprometida pela falta de elementos para a impulsionarem, então a ACM deve assumir a sua propriedade, proposta que foi logo aceite. A partir de agora, portanto, desaparece o Círculo Fraternal de Cooperação Escotista, mera formalidade, e, em seu lugar, surge a prestigiosa Aliança Nacional das ACMs de Portugal.

«Sempre Pronto» prosseguirá, portanto, na mesma linha de orientação em que tem perseverado desde 1 de Janeiro de 1945. Defesa intransigente dos ideais escoteiros inspirados por Baden-Powell, sejam quais forem — tal como no passado — os ventos que soprem no clima político deste país. Serviremos o Escotismo através dos Grupos de Escoteiros e de Escutas que queiram aceitar a nossa colaboração, mas dispensaremos facilmente o apoio daqueles que se não identifiquem com o genuíno ideal escoteiro, sobretudo desconheceremos os que mudam de opinião segundo as circunstâncias, embora tenhamos o maior respeito pelas opiniões dos que sinceramente possam divergir do nosso pensamento.

Ao serviço da juventude, não limitaremos a nossa acção ao Escotismo. Tudo o que possa ser de interesse para a gente nova, para a sua formação cívica e cultural, merecerá a nossa atenção. De resto, a vasta obra promovida hoje pelas ACMs proporciona-nos largos horizontes para esta acção. Esperamos que não nos faltará o apoio dos Antigos Escoteiros, o esteio mais seguro e fiel de «Sempre Pronto» nos seus 32 anos de existência. Depois da encruzilhada, encontrámos já o novo sinal de pista que nos indica o caminho a seguir. Prosseguiremos na jornada e esperamos que nos sigam todos aqueles que lealmente queiram participar no grande jogo, ao serviço da juventude, a bem do Portugal de hoje com os olhos postos no Portugal de amanhã. Avante, pois!

Recorde mundial escotista

Crê-se que dez escoteiros finlandeses bateram um recorde mundial ao ajudar a atravessar uma das mais concorridas ruas de Helsínquia 1467 pessoas em apenas cinco horas!

QUE É A «ACM»?

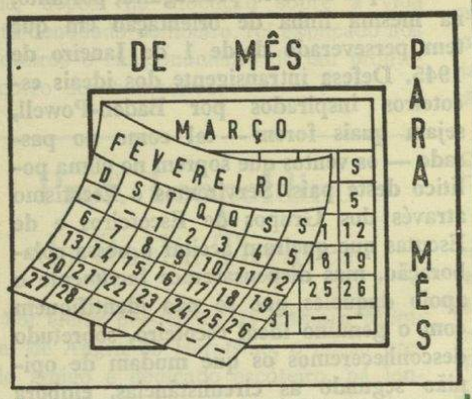
Para Escoteiros não seria necessário explicar o que são as Associações Cristãs da Mocidade, vulgarmente conhecidas em Portugal e Brasil pela sigla «ACM» e internacionalmente pela sigla «YMCA» (*Young Men's Christian Association*). O movimento foi fundado em Londres em 1844 pelo jovem George William, o qual com outros jovens criou uma associação com vista a apoiar companheiros que, isolados em Londres, estudavam e trabalhavam sem qualquer ajuda.

O movimento teve pleno êxito e rapidamente se difundiu pelo mundo. Em 1855, reuniram-se em Paris os representantes das ACMs surgidas em quase todas as grandes cidades da Europa, da América e da Ásia, tendo fundado a Aliança Mundial, que em 1878 foi transferida para Genebra, onde ainda hoje funciona. O movimento tem mais de 20 milhões de associados, existe em 88 países, tem 12 000 sedes e dispõe de 1200 hotéis e Clubes de Campo.

Sem fins lucrativos, neutra em política e sem filiação religiosa, é, como o Escotismo, um movimento ecuménico. A ACM foi fundada no nosso País na cidade do Porto, em 1894. Logo no ano de 1896 se fundou a ACM de Lisboa, e em 1916 a ACM de Coimbra. Estas três associações deram origem à Aliança Nacional. Hoje, existe ainda a ACM da Covilhã, outras associações em organização, e os Clubes de Campo da Quinta da Balaia, em Albufeira; de Castelo de Vide; da Foz de Arouce (com desalojados). A Aliança Nacional mantém lares para jovens em Lisboa (Santa Catarina), Caxias e Covilhã. Centros de Apoio a Famílias Desalojadas em Foz de Arouce, Foz da Sertã e Castelo de Vide.

A ACM da Covilhã mantém uma escola para crianças diferentes (com deficiências mentais). A Aliança Nacional possui em Carcavelos uma escola para deficientes motores e outra para crianças com dificuldades de adaptação.

Uma Escola para formação profissional de artistas cerâmicos e uma escola agro-pecuária estão já em organização, enquanto muitas outras iniciativas estão em curso. A Aliança Nacional insere-se no movimento mundial, pelo que os membros das associações nacionais gozam, nas associações dos restantes países, dos mesmos direitos dos seus associados. Nalguns países, as ACMs mantêm não só grupos de escoteiros, mas mesmo associações de escotismo. Em Portugal, a ACM de Lisboa patrocina o 1.º Grupo, que foi o iniciador do Escotismo entre nós, e a ACM do Porto patrocina o Grupo 17. Espera-se que dentro em breve a Associação de Coimbra patrocine também uma unidade escoteira, sendo muito natural que agrupamentos ACM venham a surgir noutros pontos e localidades do nosso país.



O Escotismo existe para unir



Antigamente, quando os princípios básicos do Escotismo eram ensinados aos Rapazes, havia o cuidado de explicar o significado interessante da Flor-de-Lis. Esta tinha três pétalas, que representavam os três artigos do Compromisso de Honra: Amar a Deus e a Pátria; auxiliar o próximo em todas as circunstâncias; obedecer à Lei do Escoteiro. **Explicava-se ainda que as referidas três pétalas estavam unidas por um travessão, que tinha o significado da união que existia entre TODOS os escoteiros, fosse qual fosse a sua opinião, raça, nacionalidade e religião. Essa UNIÃO tinha significado quando se afirmavam os princípios escoteiros e se praticava a fraternidade.**

Portanto, não pode haver Escotismo sem amizade, sem união, sem fraternidade. O Escotismo existe para unir. Quando o Movimento promove a desunião, a discórdia, é porque não está servido por escoteiros.

«SEMPRE PRONTO»

Com a publicação deste número duplo, relativo aos meses de Janeiro e Fevereiro de 1977, entramos em novo período de regular publicação, depois de sanada a crise sob a qual esteve em risco a sobrevivência deste jornal.

Agradecemos aos Amigos que, com o seu apoio e amizade, nos estimularam a prosseguir.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: **A. C. Lapa Conde**

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO: **Capitolino Ferreira Macedo, Ernesto Clímaco do Nascimento, Luís Garcia**

Número avulso duplo: 10$00 — Assinatura anual: 60$00